



UNICAMP

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

LEANDRO DE MELO BENELI

**TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE ATLETAS
DE ALTO RENDIMENTO NO
BASQUETEBOL MASCULINO E FEMININO
NO BRASIL: estudo retrospectivo**

**Campinas
- 2018 -**

LEANDRO DE MELO BENELI

**TRAJETÓRIA ESPORTIVA DE ATLETAS
DE ALTO RENDIMENTO NO
BASQUETEBOL MASCULINO E FEMININO
NO BRASIL: estudo retrospectivo**

Tese apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutor em Educação Física, na área de concentração da Biodinâmica do Movimento e Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO ALUNO LEANDRO DE MELO BENELI, E ORIENTADA PELO PROF DR. PAULO CESAR MONTAGNER.

**Campinas
- 2018 -**

FICHA CATALOGRÁFICA

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES, 01-P-04373/2015

Ficha catalográfica

Universidade Estadual de Campinas

Biblioteca da Faculdade de Educação Física

Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

B435t Beneli, Leandro de Melo, 1977-
Trajetória esportiva de atletas de alto rendimento no basquetebol masculino e feminino no Brasil: estudo retrospectivo / Leandro de Melo Beneli. – Campinas, SP: [s.n.], 2018.

Orientador: Paulo Cesar Montagner.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Iniciação esportiva. 2. Atletas - Brasil. 3. Expertise. I. Montagner, Paulo Cesar. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Sports trajectory of high performance athletes in male and female basketball in Brazil : retrospective study **Palavras-chave em inglês:**

Sports initiation

Athletes - Brazilian

Expertise

Área de concentração: Biodinâmica do Movimento e Esporte

Titulação: Doutor em Educação Física **Banca examinadora:**

Paulo Cesar Montagner [Orientador]

Larissa Rafaela Galatti

Renato Francisco Rodrigues Marques

Dante De Rose Junior

Charles Ricardo Lopes

Data de defesa: 28-03-2018

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Comissão Examinadora

Prof Dr. Paulo Cesar Montagner
Orientador

Profa Dra. Larissa Rafaela Galatti
Membro Titular

Prof Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques
Membro Titular

Prof Dr. Dante De Rose Junior
Membro Titular

Prof Dr. Charles Ricardo Lopes
Membro Titular

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no processo de vida acadêmica do aluno.

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo a minha esposa Daniela pelo seu amor e companheirismo e também aos nossos filhos Guilherme e Felipe que são a razão e a motivação das nossas vidas.

AGRADECIMENTO

...primeiramente a Deus;

...aos meus pais, Beneli e Delma, que sempre estiveram ao meu lado transmitindo valores morais e princípios que me tornaram essa pessoa de hoje. Agradeço a eles por estarem sempre me apoiando nos estudos. Agradeço também ao meu irmão Luciano, pelo convívio, ajuda e por permitir ter um ótimo ambiente familiar;

...a minha esposa, Daniela, com quem convivi durante a elaboração desse estudo, e que sempre me apoiou nos momentos mais difíceis; e aos meus filhos Guilherme e Felipe que trazem tantas alegrias e nos motivam a sempre buscar algo mais.

...ao meu orientador professor Paulo César Montagner, pelos seus ensinamentos. Já são muitos anos trabalhando juntos e produzindo muitas coisas interessantes. A temática do presente estudo também ocorreu devido aos seus questionamentos que levaram a inquietações na busca por compreender a formação esportiva no basquetebol.

...a(o)s professores Larissa Galatti, Renato Marques, Charles Ricardo, Dante De Rose por aceitarem participar da banca e por suas contribuições que auxiliaram muito na minha formação e na qualificação do trabalho final de doutoramento.

...a Julia Barreiro por sua ajuda com as análises e a organização dos dados estatísticos, que auxiliou no direcionamento da pesquisa.

...aos treinadores e preparadores físicos das equipes que disputaram a NBB 2016/2017 e que autorizaram o contato e ajudaram na consecução da pesquisa.

...a todos os atletas masculinos e femininos que aceitaram participar da pesquisa.

...aos meus grandes amigos, Marcelinho, Chinês e Vita (Clóvis), por ter tido a oportunidade de trabalhar com vocês, por aprender todos os dias e por sempre me ajudarem nesta passagem da minha vida. Incluo também o Dr. Filipi Orsolini (para mim Trunfo) por ser um grande parceiro e amigo (dentro e fora de quadra) e auxiliar no contato com os atletas para realização da pesquisa.

...aos meus amigos e amigas com quem convivi durante esses anos na pós-graduação na FEF Unicamp, e que ajudaram no amadurecimento e na formação pessoal.

...a todas as pessoas que fizeram parte da minha trajetória no basquetebol, aos companheiros de equipe, adversários, aos meus treinadores, alunos, ex-alunos, que contribuíram com experiências, e reforçou o meu amor pelo basquetebol.

A todos vocês, muito obrigado.

RESUMO

A formação esportiva de atletas é uma temática complexa e os estudos apontam para a existência de diversos fatores de caráter multidimensional que influenciam esse processo. O objetivo deste estudo é analisar a trajetória esportiva dos atletas masculino e feminino de alto rendimento no basquetebol do Brasil. A pesquisa caracteriza-se como exploratório-descritiva *ex-post facto* (desenho retrospectivo). Participaram 96 atletas masculinos ($27,7 \pm 6,16$) e 28 atletas femininas ($30,39 \pm 5,56$) de basquetebol que disputaram a temporada 2016/2017 do campeonato nacional da modalidade. Como instrumento de pesquisa optamos pelo uso do questionário, que foi elaborado com 25 questões validadas pelo método de peritagem, dividido em três eixos (início da trajetória esportiva, resultados esportivos e outros aspectos da trajetória esportiva dos atletas). Para análise dos dados utilizamos o teste qui-quadrado e a estatística descritiva, com os cálculos de média e desvio padrão. Para comparação entre as médias utilizamos ANOVA e o *post hoc de Tuckey* para identificar quais grupos apresentavam diferenças. Os resultados do primeiro eixo demonstram que os atletas iniciaram a prática esportiva na modalidade aos $11,45 \pm 2,89$ anos no masculino e $10,79 \pm 2,78$ no feminino no estado de São Paulo. Os atletas masculinos praticaram outra modalidade coletiva além do basquetebol e o local foi o clube. Já as atletas femininas iniciaram em instituições públicas e não praticaram outra modalidade. Começaram a competir aos $12,5 \pm 2,52$ anos no masculino e aos $11,64 \pm 2,4$ anos no feminino, evidenciando a participação por um curto período na iniciação esportiva, já ingressando na competição oficial. Realizavam 3 sessões de treinamentos de 90 minutos por semana durante 10 meses no ano, se especializaram em uma posição do jogo em idades precoces e o estudo foi o principal motivo do abandono dos companheiros de equipe. No segundo eixo, identificamos que os atletas obtiveram resultados em idades precoces, fato que parece influenciar na continuidade no esporte de alto rendimento no contexto brasileiro. No terceiro eixo, os dados demonstram que os atletas possuem ensino médio completo, estudaram em escola pública, mudaram de cidade pelo menos uma vez devido à melhor estrutura oferecida pela equipe, não possuem parentes no esporte e obtiveram total apoio familiar. Analisando a trajetória esportiva dos atletas de basquetebol masculino e feminino, concluímos que o cenário esportivo brasileiro parece não favorecer o desenvolvimento esportivo na modalidade.

Palavras-Chave: Iniciação Esportiva; Atletas - Brasil; Expertise.

ABSTRACT

Athletes' sports training is a complex theme and the studies point to the existence of several multidimensional factors that influence this process. The objective of this study is to analyze the athletic trajectory of male and female athletes of high performance in basketball in Brazil. The research is characterized as exploratory-descriptive ex-post facto (retrospective drawing). A total of 96 male athletes (27.7 ± 6.16) and 28 female athletes (30.39 ± 5.56) participated in the 2016/2017 season of the national championship. As a research instrument we chose to use the questionnaire, which was elaborated with 25 questions validated by the expert method, divided into three axes (beginning of the sporting trajectory, sports results and other aspects of athletes' sports trajectory). For the analysis of the data we used the chi-square test and the descriptive statistics, with the mean and standard deviation calculations. To compare the means we used ANOVA and the Tuckey post hoc to identify which groups presented differences. The results of the first axis demonstrate that the athletes started the sport practice in the modality at 11.45 ± 2.89 years in the male and 10.79 ± 2.78 in the female in the state of São Paulo. The male athletes practiced another collective modality besides basketball and the place was the club. The female athletes started in public institutions and did not practice another modality. They began to compete at 12.5 ± 2.52 years for males and 11.64 ± 2.4 years for females, evidencing participation for a short period in sports initiation, already entering the official competition. They had 3 training sessions of 90 minutes per week for 10 months a year, specializing in a game position at early ages and the study was the main reason for the abandonment of the team mates. In the second axis, we identified that the athletes obtained results at early ages, a fact that seems to influence the continuity in high performance sport in the Brazilian context. In the third axis, the data show that the athletes have completed high school, studied in public schools, moved at least once because of the best structure offered by the team, had no relatives in the sport and had full family support. Analyzing the sporting trajectory of male and female basketball athletes, we conclude that the Brazilian sports scene does not favor sports development in the sport.

Keywords: Sports Initiation; Athletes - Brazil; Expertise.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Personal Assets Framework for Sport</i>	24
Figura 2 – Estados brasileiros em que os atletas masculinos de basquetebol iniciaram a prática e competição.....	38
Figura 3 – Estados brasileiros em que as atletas femininas de basquetebol iniciaram a prática e competição.....	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Idades de início da prática e da competição no basquetebol dos atletas masculinos.....	37
Tabela 2 – Idades de início da prática e da competição no basquetebol das atletas femininas.....	37
Tabela 3 – Trajetória Esportiva Inicial dos Atletas Masculinos de Basquetebol.....	39
Tabela 4 – Trajetória Esportiva Inicial das Atletas Femininas de Basquetebol.....	41
Tabela 5 – Idades de início da prática, competição e especialização por posições dos atletas masculinos.....	42
Tabela 6 – Idades de início da prática, da competição e da especialização por posições das atletas femininas.....	42
Tabela 7 – Idades iniciais de conquistas de resultados esportivos dos atletas masculinos.....	44
Tabela 8 – Idades iniciais de conquistas de resultados esportivos das atletas femininas.....	44
Tabela 9 – Outros aspectos da trajetória esportiva dos atletas masculinos de basquetebol.....	45
Tabela 10 – Outros aspectos da trajetória esportiva das atletas femininas de basquetebol.....	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Critérios de Seleção dos Peritos para Validação do Questionário.....	35
Quadro 2 – Características dos atletas masculinos de basquetebol no início da trajetória esportiva.....	43
Quadro 3 – Características das atletas femininas de basquetebol no início da trajetória esportiva.....	43
Quadro 4 – Características dos atletas masculinos de basquetebol para outros aspectos da trajetória esportiva.....	48
Quadro 5 – Características das atletas femininas de basquetebol para outros aspectos da trajetória esportiva.....	49

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBB – Confederação Brasileira de Basquetebol

DMSP – *Developmental Model of Sport Participation*

FIBA – *Federation International Basketball Association*

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LBF – Liga de Basquete Feminino

LDB – Liga de Desenvolvimento de Basquetebol

NBA – *National Basketball Association*

NBB – Novo Basquete Brasil

PAF – *Personal Assets Framework*

PDLP – Preparação Desportiva a Longo Prazo

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO	15
Objetivo Geral	21
Objetivo Específico	21
MARCO TEÓRICO	23
Modelos Teóricos de Desenvolvimento Esportivo	23
Elementos Dinâmicos que influenciam o desenvolvimento positivo	24
<i>Engajamento Pessoal em Atividades</i>	24
<i>Qualidade das Relações</i>	27
<i>Ambientes Apropriados</i>	28
METODOLOGIA	30
Caracterização do Estudo e Delineamento da Pesquisa	30
Participantes	32
Instrumentos e Procedimentos	33
<i>Elaboração do Questionário</i>	33
<i>Validação do Questionário</i>	35
<i>Aplicação do Questionário</i>	36
Análise dos Dados	36
RESULTADOS	37
Início da trajetória esportiva dos Atletas de Basquetebol	37
Resultados Esportivos dos Atletas de Basquetebol	43
Outros Aspectos da Trajetória Esportiva dos Atletas de Basquetebol	44
DISCUSSÃO	50
Início da trajetória esportiva	50
Resultados Esportivos Iniciais	58
Outros Aspectos da Trajetória Esportiva	61
Contribuições e Limitações do Estudo	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
ANEXOS	75

APRESENTAÇÃO

Em minha trajetória acadêmica, sempre tive a inquietação e a necessidade de entender um pouco mais sobre a formação dos atletas de basquetebol. Esse tema ganhou maiores proporções após iniciar meus trabalhos como treinador. Inicialmente nas categorias iniciais e depois disputando torneios nas categorias subsequentes.

A busca incessante por organizar uma equipe competitiva e ao mesmo tempo percebendo o grande número de limitações nas diferentes esferas, me fez perceber que o esporte, e, principalmente no Brasil, é algo bastante complexo. Muitas variáveis, por diversas vezes distantes do domínio do treinador, parecem influenciar alguns rumos para a manutenção e o sucesso da equipe. Evidentemente, os aspectos relacionados às áreas do treinamento esportivo e da pedagogia do esporte são obviamente determinantes para a organização do processo de formação dos atletas e das equipes. Porém, existem fatores que influenciam a continuidade da prática esportiva de forma sistematizada, mas que muitas vezes a ciência não considera ou ainda não conseguiu averiguar metodologicamente.

Por diversas vezes, enquanto atleta ainda na cidade de Franca percebia enorme potencial em jovens que participavam dos torneios de basquetebol e aparentavam que teriam uma carreira brilhante, mas por motivos desconhecidos abandonavam a modalidade e interrompiam uma possível carreira de sucesso. Por outro lado, me deparei por diversas vezes com indivíduos que se tornaram atletas profissionais, o que me surpreendeu, pois em anos anteriores esses indivíduos não demonstravam esse potencial nas categorias de base.

No mestrado iniciei a busca por tentar compreender a organização do basquetebol nas categorias de base e como as características do esporte profissional influenciavam o desenvolvimento de jovens praticantes na modalidade, porém com foco na organização estrutural do basquetebol. Esse trabalho de doutorado parte da continuidade do caminho por tentar entender a formação esportiva no basquetebol brasileiro, modalidade a qual fiz parte como atleta e como treinador, e certamente, essa experiência também proporcionou ideias sobre os rumos e direcionamentos, bem como das dificuldades de uma atleta de basquetebol na sua trajetória em busca de alcançar o alto rendimento. Assim, esse estudo além de buscar contribuir com o conhecimento científico e possibilitar reflexões teóricas sobre a temática que não se esgota, também é uma necessidade pessoal, uma inquietação própria e, portanto, algo prazeroso, que me desperta e traz interesse em conhecer sempre mais.

INTRODUÇÃO

Estudos sobre a trajetória de indivíduos com desempenho excepcional tem sido um tema bastante relevante na área das ciências sociais, de maneira geral e, de forma particular, na psicologia (BLOOM, 1985; CSIEKZENTMIHALYI; RATHUNDE; WHALEN, 1993; ERICSSON; KRAMPE; TESCH-ROMER, 1993). Da mesma forma, observamos nas últimas décadas essa busca por identificar elementos e características que pudessem promover a compreensão desta temática no esporte. Porém, alguns estudos demonstram que essas concepções sobre as características necessárias para ser ou se tornar um atleta de alto rendimento tem se alterado nas últimas décadas (BARREIRA *et al.*, 2012).

De acordo com Davids e Baker (2007), a discussão sobre a excelência possui como aspecto central a contribuição e influência da genética e do ambiente no desempenho humano, com favorecimento de uma ou outra perspectiva, em detrimento da interação entre elas (ERICSSON; RORING; NANDAGOPAL, 2007; HOWE; DAVIDSON; SLOBODA, 1998). No esporte, esse aspecto também pode ser observado ao remetermos a década de 50 e 70 do século XX, adotado principalmente por países do Leste Europeu (LIDOR; CÔTÉ; HACKFORT, 2009), quando o desempenho esportivo era definido como produto da hereditariedade, cuja abordagem unidimensional adotada, com favorecimento exclusivo dos fatores biológicos (DURAND-BUSH; SALMELA, 2001), se mostrou ineficiente na predição de atletas com desempenho relevante. No final do século XX, observou-se uma importante mudança de paradigma (LIDOR; CÔTÉ; HACKFORT, 2009) muito em decorrência das contribuições pioneiras de Bloom (1985) e Ericsson, Krampe e Tesch-Römer (1993).

No estudo de Bloom (1985), através da realização de entrevistas com indivíduos excepcionais em vários domínios (música, escultura, matemática, ciências e esporte), identificou-se que o desenvolvimento do talento ocorre ao longo de um processo dividido em três fases, cada uma com importantes e distintas características (anos iniciais, intermédios e finais).

Bloom (1985) destacou a importância do contexto como variável determinante para o desenvolvimento do talento e apresentou explicações sobre as diferenças inter-individuais no desempenho. A partir desse estudo, observou-se a preocupação em considerar variáveis de natureza contextual (prática/treino), social (influência de familiares professores/treinadores) e psicológica (motivação intrínseca), possibilitando novas investigações nessa perspectiva (BARREIRA *et al.*, 2012)

Já no estudo de Ericsson, Krampe e Tesch-Römer (1993), os autores defendiam que a *expertise* é alcançada através da prática de forma deliberada em busca do melhor desempenho.

Os autores pesquisaram atividades diárias de músicos de diferentes níveis (mundial, profissional e amador) e, dentre os resultados, observaram que a quantidade de horas acumuladas de prática determinou as diferenças de desempenho. Diante desses achados, propuseram o termo “prática deliberada” definida como qualquer atividade realizada com o objetivo de melhorar o nível de desempenho, implicando assim em elevados níveis de esforço físico e cognitivo.

Ericsson, Krampe e Tesch-Römer (1993) apresentaram a necessidade da prática deliberada durante 10 anos ou aproximadamente 10 mil horas, para alcance da *expertise*, contrariando também o paradigma dos atributos ou talentos inatos. A partir dos resultados obtidos nessa pesquisa, outras investigações foram realizadas em vários domínios e em diferentes modalidades, concluindo que o sucesso e o maior nível de desempenho foram encontrados nos atletas que praticaram significativamente mais horas que os demais (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003; BAKER; CÔTÉ; DEAKIN, 2006; HELSEN; STARKES; HODGES, 1998; LAW; CÔTÉ; ERICSSON, 2007; WARD *et al.*, 2007).

A maioria dos estudos sobre a formação esportiva nos últimos anos corrobora com a ideia do desenvolvimento do atleta através da preparação de longo prazo, mas da mesma forma, receberam críticas em estudos do desenvolvimento humano, ao negligenciar a influência exercida por variáveis de natureza genética sobre o desenvolvimento da *expertise* (BROFENNBRENNER, 1979; GAGNÉ, 2004; SIMONTON, 1999). Barreira *et al.*, (2012) destaca que, apesar da discussão em torno das contribuições da genética e do contexto não estar totalmente resolvida, existe um consenso a cerca do desenvolvimento do talento no esporte, deve se iniciar na infância e resultar de um investimento a longo prazo. Além disso, outros autores criticaram o direcionamento destes estudos por considerar a importância relativa à qualidade e à especificidade das atividades realizadas, em detrimento da quantidade de prática e dos anos de treino (DAVIDS, 2000). Outras críticas foram realizadas pelo fato de não valorizar de forma significativa os aspectos de natureza afetiva, pessoal e social, nem atividades de natureza mais lúdica e outros tipos implícitos de aprendizagem (LIDOR; CÔTÉ; HACKFORT, 2009).

O estudo da *expert performance* focam-se na análise dos indivíduos que são considerados excepcionais, que se destacam da maioria dos outros praticantes, em seus respectivos campos de atuação tanto no esporte, como em qualquer outra atividade, como na música (LEHMANN; ERICSSON, 1998), na arte (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-RÖMER, 1993) e na enfermagem (ERICSSON; WHYTE; WARD, 2007).

Ericsson e Lehmann (1996) definiram o termo *expert* como o indivíduo que apresenta desempenho superior em um conjunto específico de tarefas, em um determinado domínio. Assim, o termo *expert* tem sido associado aos atletas que manifestam um desempenho

elevado, a partir de um processo longitudinal de aquisição e desenvolvimento de habilidades diferenciadas no esporte com vistas à obtenção de resultados (BAKER; CÔTÊ; DEAKIN, 2006). Para esse estudo, adotaremos o termo *expert* conforme definição anterior, caracterizada pelos atletas que alcançaram a etapa de alto rendimento no basquetebol.

A formação esportiva ocupa um tempo considerável da vida do atleta e influencia outros elementos do desenvolvimento desses indivíduos e, portanto, depende de um processo de longo prazo, visando o aperfeiçoamento para a prática esportiva. Ao longo desse processo, os atletas buscam obter resultados na forma de títulos, recompensas e premiações e, ao mesmo tempo, adquirem experiências de vida, características de personalidade e amplitude de laços sociais (STAMBULOVA, 1994).

A qualidade e o sucesso na trajetória esportiva e a possibilidade de alcance de níveis mais elevados dependem da conjugação de uma grande diversidade de fatores, além de estímulos adequados ao longo da preparação esportiva. O problema central para compreensão da dinâmica do processo para o alcance da *expertise* no esporte reside na tentativa de aglutinar e organizar os diversos fatores que influenciam ou compõem a trajetória esportiva do atleta, devido ao seu caráter multidimensional, além da complexidade de hierarquizar variáveis ou determinar o grau de valorização de uma em detrimento da outra (LEITE, 2008).

Tal processo se estabelece em longo prazo, sendo sugeridas quatro etapas na formação de atletas (DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; CÔTÊ; VIERIMAA, 2014): “*Sampling, Specializing, Investment e Maintenance*” years. A primeira etapa *Sampling* relaciona-se aos primeiros contatos com o esporte nos anos iniciais, normalmente ocorre na infância e de forma livre; *Specializing* é a etapa posterior caracterizada pela escolha da modalidade principal, com o direcionamento para o treinamento específico como possibilidade esportiva profissional e de vida; *Investment* é a etapa em que ocorre a definição e a dedicação à carreira esportiva na modalidade; e a *Maintenance* caracterizada pela etapa de conquistas esportivas, através da solidificação da carreira como atleta e conquista das melhores marcas.

Observa-se que a formação esportiva de atletas é uma temática complexa e, por isso, muitas investigações científicas têm sido realizadas nos últimos anos, com intuito de identificar fatores que influenciam a aquisição e a manifestação da *expertise* no esporte (REILLY *et al.*, 2000; DURAND-BUSH; SAMELA, 2002; HOHMANN; SEIDEL, 2003; BAKER; HORTON, 2004; STAMBULOVA *et al.*, 2009; JAYANTHI *et al.*, 2013; FOLLE, 2014).

Barreiros, Côté e Fonseca (2013) realizaram uma pesquisa bibliográfica nas plataformas científicas ISI *Web of Science*, Scopus, EBSCO e SPORTDiscus, selecionando termos como “desenvolvimento do talento”, “perícia”, “desenvolvimento do atleta” e “modelos”.

Analisaram o que de mais importante foi publicado nas principais revistas das ciências sociais e do esporte, com particular enfoque na psicologia do esporte. E, assim, evidenciaram que os modelos teóricos do desenvolvimento esportivo baseiam-se em duas categorias principais: transições da carreira esportiva e talento/perícia.

A primeira linha define “transição” como acontecimento que resulta numa alteração na maneira como o indivíduo observa a si e ao mundo, implicando mudanças no seu comportamento e nas suas relações. Essa linha de pensamento forneceu suporte para pesquisas sobre as transições na carreira esportiva, consideradas como fases de mudança normativas ou não normativas durante a trajetória esportiva do atleta (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007), sendo as primeiras (especialização, transição de categorias) tipicamente mais previsíveis dos que as segundas (lesões, mudanças de clube/treinador).

Baseando nessa perspectiva teórica das transições surgiram dois modelos de desenvolvimento esportivo. O modelo analítico da carreira atlética (STAMBULOVA, 1994) propõe um processo baseado em seis transições: 1) início da especialização esportiva, 2) transição para a formação mais intensa num esporte, 3) transição de júnior para sênior/realização no alto rendimento, 4) transição de amador para profissional, 5) transição do auge da carreira para a fase final, 6) final da carreira. Esse modelo sugere que os atletas passem por essas transições e o confronto eficaz ou ineficaz durante essas etapas implica necessariamente a vivência de transições bem-sucedidas ou de crise, exigindo deles a necessidade de lidar com as consequências e os custos do fracasso derivados do seu confronto.

O segundo modelo (WYLLEMAN; ALFERMANN; LAVALLEE, 2004) busca ampliar as dimensões da análise anterior e defende uma abordagem multidimensional e holística do indivíduo, integrando fatores que estão para além da sua interação com o contexto esportivo, considerando as exigências e as influências externas. Nesse caso, as dimensões analíticas estão divididas em: 1) o desenvolvimento que ocorre da infância, até a idade adulta, passando pela adolescência (nível psicológico); 2) as mudanças nas relações e o suporte significativo de outros, como pais, irmãos, treinadores e colegas (nível psicossocial); e 3) a progressão dos atletas do ponto de vista educacional ou profissional (nível acadêmico-profissional).

Por outro lado, existem também os modelos baseados no talento/perícia, influenciados pelos estudos de Bloom (1985) e Ericson, Krampe, Tesch-Römer (1993), que incluem a prática deliberada como elemento determinante para o alcance do alto rendimento ou desempenho de elite. Incluem, ainda, outros elementos cruciais como o jogo deliberado, a diversificação esportiva, as influências psicossociais derivadas da convivência com as famílias, os treinadores e os colegas, além de outros fatores de influência associados ao sistema esportivo

e à cultura esportiva (CÔTÉ, 1999; DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; ABBOTT; COLLINS, 2004; BAILEY; MORLEY, 2006; HENRIKSEN; STAMBULOVA; ROESSLER, 2010).

Barreiros, Côté e Fonseca (2013), analisando os diversos modelos baseados no talento/perícia, destacam a relevância do modelo de desenvolvimento da participação desportiva *Developmental Model of Sport Participation* (DMSP) (CÔTÉ, 1999) devido a sua utilização na maioria das pesquisas relacionadas à temática, servindo ainda de base para outros modelos.

Mais recentemente Côté, Turnnidge e Evans (2014) e Côté e Vierimaa (2014), utilizando como base o DMSP, elaboraram um estudo sobre a dinâmica do processo de desenvolvimento através do esporte, baseando-se nas teorias ecológicas de desenvolvimento humano no esporte, e apontam que vários sistemas em diversos níveis interagem e podem formar a experiência dos jovens no esporte e influenciar a participação, o desempenho e o desenvolvimento pessoal a longo prazo.

Os autores propuseram um “quadro” denominado *Personal Assets Framework* (PAF) que possui como foco central o envolvimento do indivíduo no esporte, seja de participação, desempenho e desenvolvimento pessoal. O PAF considera alguns elementos dinâmicos como: fatores pessoais, ou seja, o envolvimento pessoal em atividades esportivas, fatores relacionais, considerando as relações de qualidade com pares, treinadores, pais e o ambiente apropriado como aspectos necessários para compreender os processos de desenvolvimento esportivo a longo prazo. A interação destes três elementos dinâmicos constituem a experiência esportiva específica do participante (jogos, prática, atividades sociais), e quando repetida por período de tempo, como uma temporada, possibilita alterações nos atributos pessoais, como confiança, competência, conexão e caráter e, eventualmente, essas mudanças que ocorrem com os participantes poderão influenciar nos resultados esportivos a longo prazo, nas diferentes possibilidades.

Para esse estudo adotaremos como referencial teórico o PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014), utilizando alguns elementos para analisar a trajetória esportiva de atletas de alto rendimento no basquetebol masculino e feminino no Brasil, evidenciado pela participação na liga mais importante do país, denominada de Novo Basquete Brasil (NBB) e Liga de Basquete Feminino (LBF).

O basquetebol é uma modalidade tradicional no Brasil e os selecionados nacionais, tanto no masculino quanto no feminino, já figuraram entre as maiores forças internacionais (BENELI, 2007). Nos últimos anos, as equipes masculinas conquistaram torneios internacionais organizados pela Federação Internacional de Basquetebol (FIBA) (Sul-americano¹ e mundial de

¹ Em 2017 a equipe do E. C. Pinheiros ficou em 3º lugar; em 2016 a equipe de Mogi das Cruzes foi campeã; em 2015 a equipe da UNICEUB/Brasília foi campeã e a equipe de Mogi das Cruzes ficou com a 4ª colocação; em 2014

clubes²). Não obstante, os resultados obtidos pelas seleções adultas nos torneios oficiais, como Mundiais e Jogos Olímpicos, não tem sido satisfatórios.

Depois de uma década com a criação da NBB em 2009 e da LBF em 2010, ocorreu uma crescente valorização da modalidade, ampliação da participação de equipes no cenário esportivo brasileiro, principalmente no masculino. Essa valorização decorreu das melhorias nas condições e no ambiente de trabalho para os treinadores, atletas e outros integrantes das equipes, dentre outros fatores, devido ao crescimento de salários, a mais ampla visibilidade por meio das transmissões televisivas e à criação de uma divisão de acesso (Liga Ouro), elevando assim a competitividade entre as equipes. Foram criados outros eventos e outras ações como o jogo das estrelas, canais de divulgação na mídia, a Liga de Desenvolvimento do Basquetebol (LDB) (torneio sub-22), além do apoio financeiro do Ministério dos Esportes e da Caixa Econômica Federal. A *National Basketball Association* (NBA) maior liga de basquetebol do mundo firmou uma parceria com a liga e influencia a gestão e a organização da competição. (A HISTÓRIA DO NBB, 2012).

Nesse sentido, o basquetebol é uma modalidade consolidada no Brasil, apesar de suas dificuldades estruturais, que necessita ser estudada de maneira mais profunda. Até o presente momento, não foram encontrados na literatura estudos que utilizaram o PAF como forma de analisar a trajetória de participação esportiva de atletas de alto rendimento no Brasil. A investigação e a identificação das características esportivas desses atletas de alto rendimento permitem reflexões sobre os caminhos trilhados durante sua trajetória esportiva, possibilitando a contextualização de ações e a percepção de quais são as verdadeiras exigências. Assim, observamos a necessidade de ampliar o foco da pesquisa, com o intuito de proporcionar uma discussão mais profunda. Incluímos elementos complexos e relacionados entre si, como os resultados esportivos obtidos por esses atletas e o volume de treinamento realizado.

Considera-se, ainda, que estudos que analisaram variáveis na trajetória esportiva e suas influências na manifestação da *expertise* pouco abordaram o contexto sul americano (BRUNER *et al.*, 2010). Especificadamente, naqueles estudos de pesquisadores brasileiros, a maioria foi realizada com modalidades individuais e atletas masculinos, com destaque para os estudos de Darido e Farinha (1995) com nadadores, Nascimento (2000) no atletismo, Moreira (2003) com o karatê-dô, Schiavon (2009) na ginástica artística, Cafruni, Marques e Gaya (2006)

a equipe de Bauru foi campeão e Mogi das Cruzes foi vice-campeã; 2m 2013 a equipe da UNICEUB/Brasília foi campeã e Bauru ficou com a 3ª colocação. Essas informações foram obtidas no site da Federação Internacional de Basquetebol (FIBA). Disponível em: <http://www.fiba.basketball/americas>

² Em 2015 a equipe de Bauru foi vice-campeã; em 2014 a equipe do Flamengo foi campeã; em 2013 a equipe do Pinheiros foi vice-campeã. Essas informações foram obtidas no site da Federação Internacional de Basquetebol (FIBA). Disponível em: <http://www.fiba.basketball/americas>

nas modalidades individuais e coletivas (ginástica olímpica, ginástica rítmica, natação, tênis, voleibol e futsal).

Estudos empíricos com modalidades coletivas no Brasil também tenderam a investigar atletas masculinos, destacando-se os estudos de Paes (1989), Folle *et al.*, (2016), Santana e Ribeiro (2010) no futsal, Marques e Samulsky (2009) no futebol, Bojikian *et al.*, (2007) e Marques *et al.*, (2014) no voleibol. Reis *et al.*, (2015) realizaram uma pesquisa sobre quantificação do tempo de prática e do número de jogos com atletas masculinos participantes das finais da NBB 2010/2011 e atletas sub-19 do estado de Minas Gerais. Cunha *et al.*, (2017) estudaram os atletas masculinos de basquetebol que disputaram a NBB na temporada 2014/2015 e trouxeram contribuições para analisar a trajetória esportiva dos atletas brasileiros. Mais recentemente, Beneli, Galatti e Montagner (2017) realizaram uma pesquisa com atletas femininas da seleção brasileira de basquetebol sub-19 e adulta e concluíram que as características socioesportivas das atletas brasileiras de basquetebol não foram suficientes para o desenvolvimento de uma carreira de elite.

Diante destes apontamentos anteriores, o **problema** da presente pesquisa pode ser resumido pelo seguinte questionamento:

- Quais são as características da trajetória esportiva dos atletas de alto rendimento do basquetebol brasileiro masculino e feminino?

Considerando os aspectos introdutórios apresentados e a busca por resposta ao problema colocado, o **objetivo geral** desse estudo é analisar a trajetória esportiva dos atletas brasileiros masculinos e femininos de alto rendimento no basquetebol.

Definimos como **objetivos específicos** do presente estudo apresentar os modelos de desenvolvimento esportivo, sobretudo o PAF, como alternativa para análise da trajetória esportiva dos atletas. Elaborar uma metodologia que possibilite obter informações retrospectivas com o intuito de atingir os objetivos definidos para esse estudo, bem como contribuir para a elaboração de pesquisas que busquem dados de natureza semelhante. Identificar as características dos atletas de basquetebol brasileiros masculinos e femininos na etapa de formação esportiva que alcançaram o alto rendimento e evidenciar possíveis relações existentes entre a trajetória esportiva na modalidade e o contexto brasileiro.

Para elaboração do estudo estabelecemos uma divisão em 4 tópicos. No Marco Teórico apresentaremos o referencial teórico adotado para análise da trajetória esportiva dos atletas de basquetebol no Brasil. Na Metodologia destacaremos as características da pesquisa e o

instrumento utilizado, considerando sua elaboração e validação para aplicação e coleta de dados, além da descrição da análise dos dados. Nos Resultados demonstraremos as informações obtidas na pesquisa através do levantamento de dados primários apresentados em valores numéricos, percentuais em tabelas, quadros e figuras, a fim de ilustrar, facilitar a compreensão do leitor e possibilitar a análise da trajetória esportiva dos atletas. Na Discussão serão evidenciadas as análises e discussões dos resultados obtidos na pesquisa e relacionados a outros estudos que apresentaram informações a respeito do tema.

MARCO TEÓRICO

Como marco teórico para subsidiar a investigação nesse estudo, apresentaremos o modelo concebido por Côtê, Turnndge e Evans (2014) denominado PAF, que apresenta e discute o desenvolvimento pessoal através do esporte e analisa a dinâmica dos elementos centrais, quais sejam o engajamento no esporte (baseado no DMSF), a qualidade das relações e o ambiente apropriado, cujas influências direcionam para a participação, performance e desenvolvimento pessoal dos participantes. Esse quadro teórico apresenta algumas características importantes, evidenciadas por pesquisas científicas e sugerem sua implementação durante o desenvolvimento esportivo de jovens praticantes. No presente estudo serão discutidas algumas dessas características identificadas nos atletas de alto rendimento de basquetebol masculino e feminino do Brasil.

Modelos Teóricos do Desenvolvimento Esportivo

Conforme mencionado anteriormente existem alguns modelos teóricos de desenvolvimento esportivo e optamos pelo PAF por ser um modelo baseado no talento/perícia e considerar o processo de desenvolvimento esportivo de longo prazo, a partir de alguns elementos: fatores pessoais (o envolvimento pessoal em atividades esportivas), fatores relacionais (relações de qualidade com pares, treinadores, pais) e ambientes organizacionais (ambientes apropriados). O PAF sugere, ainda, um alinhamento entre esses elementos dinâmicos, para que ocorra uma adequação de objetivos a partir das necessidades e experiências dos participantes, sendo que as alterações devem ocorrer de acordo com o contexto de desenvolvimento. Em outras palavras, o modelo descreve uma abordagem pessoal centrada no envolvimento esportivo que muda ao longo do tempo de acordo com o nível do participante.

A Figura 1 apresenta as condições necessárias para promover o desenvolvimento ótimo (positivo) do jovem através do esporte, agregando elementos relacionados ao envolvimento pessoal em atividades, à qualidade dos relacionamentos e os ambientes apropriados. No conjunto, esses elementos constituem uma abordagem integrativa que impulsiona os jovens para o desenvolvimento positivo, sendo necessários para influenciar os objetivos de participação, desempenho e desenvolvimento pessoal que são retroalimentados ao longo de um período de tempo.

A ênfase excessiva na busca pelo resultado, sem considerar os outros aspectos durante a infância, com foco no desempenho sobre a participação, poderá diminuir a contribuição de curto e longo prazo, quando o envolvimento com o esporte pode proporcionar desenvolvimento integral desses indivíduos.

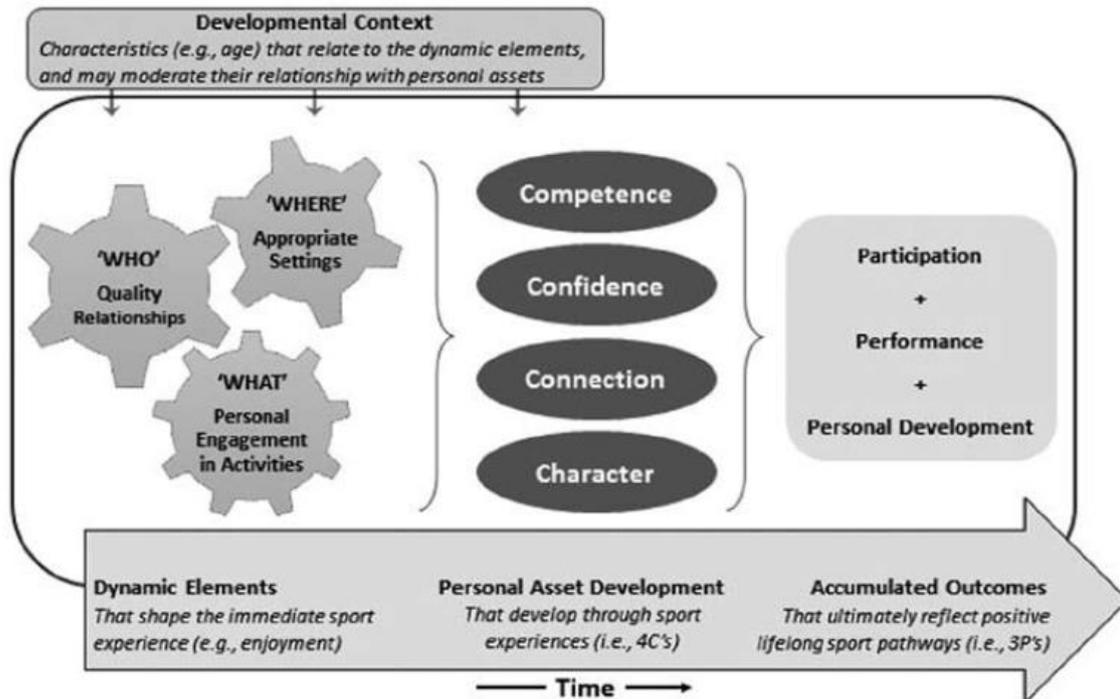


Figura 1 – *Personal Assets Framework for Sport* (Côtê, Turnnidge e Evans, 2014)

Ressaltamos que o aspecto central do PAF são os atributos pessoais dos indivíduos que são susceptíveis a mudanças a partir da repetição de experiências esportivas positivas. Nesse sentido nos próximos três tópicos trataremos da dinâmica dos elementos que influenciam o desenvolvimento positivo no esporte, que contribuirão para análise da trajetória de participação esportiva dos atletas de basquetebol de alto rendimento do Brasil.

Elementos dinâmicos que influenciam o desenvolvimento positivo

Engajamento Pessoal em Atividades.

Pesquisas teóricas e empíricas demonstraram que a qualidade das experiências esportivas em uma etapa posterior é influenciada por atividades específicas dentro do esporte. Enquanto alguns atletas apresentam engajamento a partir de longos períodos de prática deliberada, direcionada para o desenvolvimento de habilidades específicas, outros atletas gastam mais tempo em atividades desorganizadas de brincar com colegas (CÔTÊ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

O DMSP surgiu a partir da investigação de Côtê (1999) sobre a influência da família no desenvolvimento do talento seguindo os pressupostos teóricos dos trabalhos de Bloom (1985) e Ericsson, Krampe, Tesch-Romer (1993), e considera também aspectos como prazer, divertimento e motivação no desenvolvimento esportivo.

O DMSP foi desenvolvido ao longo de quatro etapas. Inicialmente evidenciou-se uma base conceitual original sobre o desenvolvimento esportivo, utilizando-se de entrevistas com atletas, pais e treinadores (CÔTÉ, 1999), cujos resultados apresentaram semelhanças com outros estudos qualitativos sobre o desenvolvimento esportivo a partir de verificações empíricas (BLOOM, 1985, CARLSON, 1988). Posteriormente foi desenvolvida uma metodologia retrospectiva quantitativa (CÔTÉ; ERICSSON; LAW, 2005) para testar os principais pressupostos do modelo, possibilitando realizar diversos estudos com atletas de elite³ e *near-elite*⁴ (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003; BAKER; CÔTÉ; DEAKIN, 2005). Esses aperfeiçoamentos possibilitaram refinar o modelo por meio da identificação das trajetórias (diversificação ou especialização) e do alcance da *expertise* (atletas de elite e *near-elite*). Em uma terceira etapa essa metodologia quantitativa foi adaptada e utilizada para testar o modelo com outros resultados relacionados ao envolvimento esportivo, como o desenvolvimento pessoal e o abandono do esporte (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2009; WALL; CÔTÉ, 2007). Por último, na quarta etapa foi realizado o refinamento do modelo através do desenvolvimento de trabalhos teóricos (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005) e da elaboração de sete postulados que defendem a importância da diversificação no âmbito do desenvolvimento esportivo (CÔTÉ *et al.*, 2009).

O DMSP sugere a progressão no esporte para atletas experientes e recreacionistas baseada na diversidade de experiências esportivas durante a infância e no grande volume de atividades lúdicas, evidenciadas por dois princípios a) a diversidade deve preceder a especialização no esporte e (b) o jogo deve ser priorizado sobre atividades práticas estruturadas durante a infância (CÔTÉ; ERICKSON, 2015; CÔTÉ *et al.*, 2009). Consideram, portanto, que a diversidade entre os vários esportes e dentro dos esportes, com o envolvimento em diferentes atividades em um esporte específico, promovem a base para um ambiente de iniciação que impulsiona o engajamento pessoal (CÔTÉ; ERICKSON, 2015).

Em relação ao primeiro princípio, observamos um número crescente de estudos de diferentes países, esportes e cenários que apontam o envolvimento em vários esportes antes da especialização como possibilidade da construção de uma base para participação e o desempenho esportivo (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003; BAKER; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; HORNIG; AUST; GÜLLICH, 2014; MOESCH *et al.*, 2011). Defendem que esse envolvimento em diferentes modalidades durante a infância possibilita ampliar a gama de oportunidades esportivas

³ Definido por Moesch *et al.* (2011) pela colocação no top 10 em Campeonatos Mundiais ou Jogos Olímpicos, ou ainda, conquistar medalhas em torneios importantes internacionalmente (e.g. Campeonato Europeu).

⁴ Definido pelo mesmo autor como atletas internacionais que não apresentam os critérios mencionados anteriormente para os atletas de elite.

e sociais dos atletas. E, assim posteriormente, os atletas podem escolher a modalidade específica na adolescência, direcionando-os para o esporte praticado por lazer ou para a especialização esportiva.

Em relação ao segundo princípio do DMSP, sugerem a priorização do jogo em detrimento das práticas estruturadas durante a infância permitindo uma interação de atividades dentro da modalidade. Vários estudos defendem esse papel positivo do jogo, incluindo pesquisas que examinaram as histórias de desenvolvimento de atletas de elite e *experts* (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003; BAKER; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; SOBERLAK; CÔTÉ, 2003).

Importante destacar que Bohnert, Fredricks e Randall (2010) já indicavam que não devemos utilizar o número total de atividades como único indicador da diversidade, pois a diversidade pode ser expressa considerando o contexto e os diferentes tipos de vivências que podem ser experimentado em uma única atividade. Crianças jogando basquetebol na rua, com amigos em um pátio, em um jogo oficial com arbitragem ou ainda de forma estruturada com companheiros de equipe e um treinador. Essas atividades ocorrem em contextos diferentes e, apesar de serem atividades relacionadas a modalidade basquetebol, possibilitam experiências e resultados distintos para os praticantes. Os autores destacam, ainda, que os jovens podem atuar em diferentes posições na modalidade, o que permite diversificar seu envolvimento, suas funções e seus objetivos, além de alterar o significado da prática mediante as influências que o participante recebe. Percebemos, portanto, que a diversidade pode ser alcançada alterando as configurações dentro da mesma modalidade, ao propor diferentes atividades, no que se refere ao nível de competição, à oportunidade de desenvolver habilidades e à interação social com colegas e adultos (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Côté, Turnnidge e Evans (2014) apresentam uma categorização das atividades de jovens em quatro quadrantes divididos por dois eixos, que são qualitativamente diferentes, assim como a aprendizagem resultante dessa prática. O eixo de estrutura social da atividade, conduzido pelo adulto e pelo jovem, e o eixo relativo ao valor pessoal que a atividade fornece aos participantes, manifestado nas formas extrínsecas a intrínsecas (CÔTÉ; ERICKSON; ABERNETHY, 2013). Estes quadrantes formam uma matriz na qual as diferentes atividades esportivas realizadas por jovens podem ser localizadas, possibilitando a aprendizagem em contextos distintos. Assim, um "contexto de aprendizagem racional" é caracterizado por atividades de prática deliberada (ERICSSON; KRAMPE; TESCH-RÖMER, 1993); o "contexto da aprendizagem emocional" é representado por atividades de prática do jogo (LAUNDER, 2001); o "contexto da aprendizagem informal" é caracterizado pela prática espontânea; e o "contexto de aprendizagem criativo" é realizado pelo jogo deliberado (CÔTÉ, 1999). Os autores

acrescentam que não há uma atividade melhor que a outra, em cada contexto de aprendizagem são promovidas as interações sociais, as emoções e os mecanismos de aprendizagem únicos.

Resumindo, o DMSP destaca que os anos de iniciação devem ser caracterizados pela utilização de abordagens de desenvolvimento do esporte que busque ampliar as experiências dos participantes considerando a diversificação entre esportes e dentro de um esporte. Entre esportes ocorre por meio do envolvimento em diferentes modalidades, e no esporte é conduzida pelo jogo, pela prática, com os atletas ora jogando na defesa, ora no ataque. No conjunto, são alternativas para alcançar mais resultados positivos e menos conseqüências negativas aos jovens participantes.

Nesse sentido, a etapa *sampling* sugerida entre os 6 e 11 anos deve ser caracterizada pela presença de muitos jogos e brincadeiras, pouca prática deliberada e diversos esportes. A etapa seguinte *especializing*, sugerida entre os 12 e 14 anos, deve evidenciar um equilíbrio entre brincadeiras e treinamentos, além de menos envolvimento em diversos esportes. A etapa de *investment*, entre 14 e 17 anos, é caracterizada pela presença de muita prática deliberada, poucos jogos e brincadeiras e o direcionamento para apenas uma modalidade. E os autores afirmam que a excessiva quantidade de prática deliberada, a não utilização de jogos e brincadeiras e a prática de apenas uma modalidade podem gerar o abandono do esporte (CÔTÉ, 1999; BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003; FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009).

Qualidade das relações

Integrado nas diferentes atividades do esporte, diversos estudos destacam que o desenvolvimento do atleta também é fortemente influenciado pelas relações interpessoais formadas dentro do esporte (FRASER-THOMAS, CÔTÉ, 2009; KEEGAN *et al*, 2009; ULLRICH-FRENCH, SMITH, 2006), e apontam essas relações como elemento central para o desenvolvimento individual (LERNER, 2002). Alguns estudos demonstram que a iniciação e continuidade no esporte de participação estão associadas com os relacionamentos de qualidade e proporcionam elevada quantidade de resultados positivos (COATSWORTH, CONROY, 2009).

Côté, Turnndge e Evas (2014) defendem a teoria da liderança transformacional, pois as experiências dos atletas são influenciadas pelos relacionamentos com os pais, pares e treinadores. Bass e Riggio (2006) destacam que os líderes transformacionais são identificados de acordo com quatro dimensões: influência idealizada, quando os líderes promovem a confiança e o respeito e são modelos de seguidores, motivação inspiradora ocorre nos líderes que inspiram e desafiam seus seguidores, estimulação intelectual se apresenta nos líderes que encorajam seus

seguidores a serem inovadores e criativos e considerações individualizadas representadas nos líderes que demonstram interesse genuíno pelo desenvolvimento e realização dos indivíduos.

Alguns estudos sobre a liderança do treinador demonstram que o estilo interpessoal influencia os resultados dos atletas (HORN, 2008; SMITH; SMOLL, 2007), na medida em que as relações positivas treinador-atleta são caracterizadas por treinadores que demonstram cuidado e preocupação com seus atletas, inclusão nas tomadas de decisões, integração e reconhecimento dos sentimentos e perspectivas individuais do atleta e comportam-se de uma maneira clara e consistente (BECKER, 2013; ERICKSON *et al.*, 2011). O estilo do treinador possibilita eficácia na promoção do desenvolvimento positivo dos atletas jovens, e Vella, Oades e Crowe (2013) acrescentam que existe associação entre os treinadores transformacionais e o desenvolvimento de habilidades pessoais, sociais e cognitivas.

As relações entre pais e atletas constituem outro aspecto determinante na formação esportiva de jovens, pois além de serem os principais agentes de socialização para as experiências iniciais dos jovens com o esporte (WUERTEH, LEE, ALFERMANN, 2004), os pais também influenciam as atitudes dos jovens e os comportamentos dentro do esporte (FREDRICKS, ECCLES, 2004). Zacharatos, Barling e Kelloway (2000) evidenciam que os jovens refletem o comportamento de liderança transformacional dos pais em suas equipes esportivas.

Outro fator social importante que pode ser influenciado de forma positiva pela liderança transformacional é a qualidade dos relacionamentos de um atleta com seus pares. Price e Weiss (2011) descobriram que a liderança efetiva de pares entre jogadores de futebol adolescentes estava associada com níveis mais elevados de tarefa, coesão social e eficácia coletiva. Existem outras relações significativas no ambiente esportivo, como relacionamentos de atletas com seus irmãos, treinadores assistentes, funcionários, entre outros. São relações que não ocorrem isoladamente umas das outras e as interações podem influenciar a qualidade das experiências esportivas dos jovens.

Ambientes apropriados

Ao considerar a formação esportiva dos atletas é necessário observar a complexidade de fatores que influenciam seu desenvolvimento e como esses componentes interagem com o ambiente social e físico que rodeia os atletas. O efeito da cidade de nascimento é um exemplo de como os ambientes moldam o desenvolvimento, e os estudos com diferentes modalidades revelam que as cidades ou as regiões menores (50.000 a 100.000 habitantes) produzem uma quantidade relativamente maior de atletas que atingem competições de elite e estimulam o maior

envolvimento de jovens no esporte de participação (CÔTÉ *et al*, 2006; MAC-DONALD *et al*, 2009; TURNNIDGE, HANCOCK, CÔTÉ, 2012; IMTIAZ *et al*, 2014).

Cidades menores, com menor estrutura esportiva e mais segura contém um conjunto de características únicas relacionadas ao ambiente e aos padrões de comportamento dos jovens que são propícios para o desenvolvimento ótimo dos atletas no esporte (MACDONALD *et al*, 2009). Essas características proporcionam a possibilidade de realização de mais atividades relacionadas ao jogo deliberado e, na perspectiva comportamental, as cidades menores podem fornecer abordagens integrativas para a participação das famílias, escolas e comunidades possibilitando estreitar os laços sociais e afetivos.

Em contraste com o ambiente físico geral de comunidades menores, os atletas dos grandes centros são submetidos a experiências diferentes decorrentes do ambiente esportivo mais competitivo e mais propenso à comparação entre os pares. As comparações sociais positivas e negativas com os pares são importantes, pois experiências repetidas através de comparações que se acumulam ao longo do tempo estimulam a autopercepção dos indivíduos (MARSH, 1987) e a busca por melhor desempenho no esporte. Quanto mais elevado o nível de desempenho dos atletas daquele ambiente, maior será a exigência dos demais integrantes. A comparação possibilita a autopercepção e evidencia a necessidade de alcançar o nível dos demais companheiros. De acordo com Côté, Turnndge e Evans (2014) esse aspecto ocorre nos grandes centros de treinamento nas grandes cidades, em que os atletas devem atingir padrões extremamente elevados em uma idade jovem.

METODOLOGIA

Caracterização do Estudo e Desenho da pesquisa

Gil (2002) classifica as pesquisas com base nos seus objetivos gerais em exploratória, descritiva e explicativa. De acordo com o autor, as pesquisas descritivas possuem como principal objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, ainda, busca estabelecer relações entre variáveis. Existem ainda aquelas que extrapolam a identificação das relações entre as variáveis e buscam determinar a natureza dessa relação. As pesquisas descritivas, juntamente com as exploratórias, normalmente são realizadas por pesquisadores preocupados com a atuação prática. A pesquisa exploratória possui como objetivos proporcionar maior familiaridade com o problema, aprimorar ideias ou a descoberta de intuições (GIL, 2002).

A estratégia descritiva privilegia a validade externa sobre a interna, e busca “descrever as coisas como elas ocorrem, sem qualquer manipulação de variáveis, ou grupos de comparação, ou comportamentos que predizem modelos de ensaio” e, portanto, o objetivo neste tipo de pesquisa é a definição, classificação e/ou categorização de eventos, o que geralmente não requer a utilização hipóteses (ATO; LÓPEZ; BENAVENTE, 2013, p.1042).

Considerando os procedimentos técnicos utilizados, Gil (2002) classifica as pesquisas em dois grandes grupos; aqueles que buscam informações em fontes de papel (pesquisa bibliográfica e documental), e o segundo grupo cujos dados são fornecidos por pessoas (pesquisa experimental, *ex-post facto*, o levantamento e o estudo de caso). Normalmente as pesquisas bibliográficas são utilizadas em todos os tipos de estudos, mas em particular nos estudos exploratórios, caracterizados pela necessidade de analisar e discutir determinado tema, considerando as diversas posições acerca do problema de estudo (GIL, 2002).

A pesquisa *ex-post facto* é caracterizada pelo fato do estudo ser realizado após a ocorrência de alterações na variável dependente e o propósito básico é o mesmo da pesquisa experimental, qual seja, verificar a existência de relações entre as variáveis. Porém, na pesquisa *ex-post facto* o pesquisador não dispõe de controle sobre a variável independente, que constitui o fator presumível do fenômeno, porque ele já ocorreu, enquanto que a pesquisa experimental caracteriza-se pela manipulação das variáveis, controle e distribuição aleatória. Portanto, o pesquisador busca nesse tipo de pesquisa identificar situações que se desenvolveram naturalmente e trabalhar como se estivessem submetido a controles e necessita localizar grupos cujos indivíduos sejam bastante semelhantes entre si. Apesar das semelhanças com a pesquisa experimental, o delineamento *ex-post facto* permite constatar as relações entre as variáveis, mas

não garante que suas conclusões relativas às relações do tipo causa-efeito sejam totalmente seguras (GIL, 2002).

Em relação à natureza do grupo e da coleta de dados da presente investigação, buscamos informações relativas à trajetória de atletas brasileiros de basquetebol que alcançaram a etapa de alto rendimento. São dados oriundos de um momento passado, ou seja, fatos que ocorreram em épocas anteriores e que fazem parte da formação esportiva destes participantes, denominado por Côté, Ericsson e Law (2005) de pesquisa com informações retrospectivas.

Em relação às pesquisas que envolvem informações retrospectivas, uma grande dificuldade é garantir a validade dos dados obtidos (MOESCH *et al.*, 2011). Hodges, Huys, Starkes (2007) apontam que neste tipo de coleta os estudos podem estar propensos a possíveis imprecisões nas respostas dos atletas, o que pode gerar distorções nas análises. Entretanto, Côté, Ericsson, Law (2005) destacam que pesquisas retrospectivas continuarão sendo a principal fonte de informações sobre aspectos referentes à trajetória dos atletas de alto rendimento, pois não é possível prever com precisão quais atletas em estágios iniciais conseguirão alcançar o topo e se tornarão atletas de elite. Colocam, ainda, que as pesquisas longitudinais possuem diversas dificuldades, com destaque para o custo elevado e o tempo destinado para consecução do estudo, que inviabilizam sua realização e tornam pouco atrativas para os pesquisadores.

Muitos estudos utilizaram o desenho retrospectivo para obtenção de dados em diferentes modalidades, como Bloom (1985) com nadadores e tenistas, Hodges e Sarkes (1996) na luta livre, Starkes *et al.* (1996) com skatistas, Hodge e Deakin (1998) com artes marciais, Côté (1999) com remadores e tenistas, Baker, Côté e Abernethy (2003) com modalidades coletivas em ambos os gêneros (hóquei, basquetebol e netball), Soberlake e Côté (2003) com hóquei no gelo, Leite, Baker e Sampaio (2009) como hóquei, basquetebol, voleibol e futebol, Marques e Samulski (2009) com futebol, Moesch *et al.* (2011) com esporte de marca, Leite e Sampaio (2012) com basquetebol.

Considerando o objetivo de analisar a trajetória esportiva dos atletas masculino e feminino de alto rendimento no basquetebol do Brasil, a presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa exploratório-descritiva *ex-post facto* (desenho retrospectivo) na medida em que os dados coletados se referem a fatos passados (GIL, 2002).

Ressaltamos a importância para o pesquisador conhecer e compreender o desenho utilizado na pesquisa, bem como as etapas e os princípios para sua implementação adequada em busca de atingir os objetivos propostos. Nesse sentido, o delineamento da pesquisa foi realizado respeitando as seguintes etapas:

- a) Revisão da literatura
- b) Formulação do problema
- a) Formulação dos objetivos gerais e específicos e operacionalização das variáveis
- b) Localização dos grupos para investigação
- c) Elaboração do instrumento para coleta de dados
- d) Procedimentos para coleta de dados
- e) Análise e interpretação dos dados
- f) Conclusões

Participantes

Na temporada 2016/2017 do campeonato nacional de basquetebol masculino (NBB) participaram 15 equipes e na Liga de Basquete Feminino (LBF) participaram 6 equipes. Para participação na pesquisa adotamos como critério de inclusão a inscrição do atleta brasileiro nas equipes que disputaram a competição da NBB e LBF na referida temporada. Contatamos todas as equipes, por meio de seus dirigentes ou comissão técnica, realizamos o convite e solicitamos a permissão para aplicação do questionário.

No presente estudo participaram 96 atletas masculinos brasileiros representantes de 11 equipes com idades $27,7 \pm 6,16$ anos e 28 atletas brasileiras femininas das 6 equipes participantes com idades $30,39 \pm 5,56$ anos⁵. Alguns atletas não puderam ser incluídos na amostra porque não manifestaram interesse em participar da pesquisa.

A Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB) concedeu uma carta de anuência (Anexo 1), autorizando a realização da pesquisa com os atletas das equipes que disputaram o campeonato no masculino e feminino. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP sob n. 1.400.363, os sujeitos participantes foram esclarecidos sobre o estudo e assinaram o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) (Anexo 2).

⁵ Os atletas masculinos participantes da pesquisa pertenciam as seguintes equipes: Basquete Cearense, Bauru, Brasília, Caxias do Sul, Flamengo, Franca, Liga Sorocabana, Macaé, Minas Tênis Clube, Paulistano e Vitória. As atletas femininas participantes da pesquisa pertenciam as seguintes equipes: Maranhão Basquete, América Futebol Clube, Corinthians Americana, Presidente Venceslau, Sampaio Correa, APABA Sto André. No campeonato da NBB estiveram inscritos 234 atletas, e no campeonato da LBF estiveram inscritos 54 atletas, entretanto, muitos atletas não atuaram em nenhuma partida, por diferentes motivos (atletas muito jovens, lesões, problemas contratuais, entre outros). No campeonato da NBB estiveram inscritos 33 atletas estrangeiros, e no torneio da LBF 15 atletas estrangeiras, que não foram incluídos na pesquisa, devido aos objetivos da pesquisa e aos critérios de inclusão.

Instrumento e Procedimentos

Elaboração do Questionário

Gil (2002) destaca que as pesquisas descritivas *ex-post facto* possuem como característica significativa a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. Devido às características do presente estudo e considerando a representatividade da amostra dos atletas do feminino e masculino (n) optamos pela utilização do questionário como instrumento de coleta de dados. De acordo com Gil (2002) o questionário constitui-se em uma técnica de pesquisa composta por um conjunto de perguntas com intenção de obter informações sobre o conhecimento, crença, sentimentos, valores, expectativas, fatos e comportamentos do presente ou passado.

A elaboração de um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas. Também se apresenta como um instrumento importante, pela facilidade com que interroga um elevado número de pessoas, em um espaço de tempo relativamente curto (GIL, 2002). Lakatos e Marconi (2016, p. 184-185) destacam a vantagens da utilização de questionários para coleta de dados:

- a) Economiza, tempo, viagens e obtém grande número de dados;
- b) Atinge maior número de pessoas simultaneamente;
- c) Abrange uma área geográfica mais ampla;
- d) Economiza pessoal, tanto em adestramento quanto em trabalho de campo;
- e) Obtém respostas mais rápidas e mais precisas;
- f) Há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato;
- g) Há mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas;
- h) Há menos riscos de distorção, pela influência do pesquisador;
- i) Há mais tempo para responder e em hora mais favorável;
- j) Há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento;
- k) Obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis.

A elaboração do questionário requer a observância de normas precisas, a fim de aumentar a eficácia e validade do instrumento de coleta de dados. O pesquisador necessita conhecer bem o assunto e exige cuidado na elaboração e seleção das questões, deve considerar sua importância para o estudo e oferecer condições de obter informações válidas (LAKATOS; MARCONI, 2016).

Para adequação científica e validação das pesquisas com informações retrospectivas, alguns cuidados metodológicos foram adotados, como a utilização de perguntas mais objetivas com base nas lembranças do passado e experiências habituais que fizeram parte de momentos importantes na sua trajetória esportiva. A objetividade nas perguntas possibilita maior precisão nas respostas em relação às perguntas mais gerais que obrigam a reflexão ou que buscam a opinião do atleta. Essas considerações têm sido adotadas pelos estudos que foram desenvolvidos sobre a trajetória esportiva de atletas através da obtenção de informações retrospectivas na última década e demonstraram resultados satisfatórios, pois os atletas conseguiram recordar com precisão diversos aspectos do seu desenvolvimento mesmo após décadas (CÔTÊ; ERICSSON; LAW, 2005).

Para construção das questões do instrumento de pesquisa optou-se por perguntas de múltipla escolha, caracterizadas por “perguntas fechadas, mas apresentam uma série de possíveis respostas, abrangendo várias facetas do mesmo assunto” (LAKATOS; MARCONI, 2016, p. 189). Optou-se, também, por perguntas de fato, que são “questões concretas, tangíveis, fáceis de precisar, portanto, referem-se a dados objetivos” (LAKATOS; MARCONI, 2016, p. 191). E, ainda, as perguntas de fato aludiam à idade em que fato ocorreu.

Os dados quantitativos buscavam identificar as idades, a quantidade de vezes que alguns eventos ocorreram (questões de fato), já os dados qualitativos buscavam informações nominais sobre os eixos determinados no questionário (questões de múltipla escolha).

Inicialmente o questionário foi elaborado com 28 questões divididas em três eixos. O primeiro abrangeu o início da trajetória esportiva. As primeiras cinco questões foram direcionadas para identificar características relativas ao ingresso do atleta na modalidade, evidenciando a etapa de iniciação do esporte (*sampling*). As outras dez questões seguintes buscavam informações de uma etapa posterior (*especializing*) evidenciada pelo início e aprofundamento na competição, o que sugere a busca por direcionar os esforços para uma determinada modalidade. Nesse eixo, as perguntas levantaram informações sobre: idades de início, local da prática do basquetebol, estado brasileiro onde iniciou o basquetebol, prática de outras modalidades e o local, idades de início e o local da competição no basquetebol, estado brasileiro onde iniciou a competição, quantidade e tempo de treinamento, competição em outras modalidades, especialização em posições da modalidade e motivos de evasão de companheiros de equipe.

No segundo eixo arguiu-se sobre os resultados esportivos questionando sobre as conquistas de campeonatos, a remuneração e a convocação para seleção brasileira de base. Já no último eixo, foram levantados outros aspectos da trajetória esportiva dos atletas, sendo elas:

escolaridade, tipo de escola, mudança de equipe/cidade e motivo, participação de parente no esporte e grau de apoio familiar.

A elaboração dessa versão preliminar baseou-se na literatura relacionada aos aspectos que influenciam a formação esportiva (CÓTÊ; ERICSSON; LAW, 2005), entretanto, em nosso estudo buscamos aglutinar essas diferentes características e informações, tendo em vista a necessidade de compreender a trajetória esportiva dos atletas de basquetebol. Assim foram utilizados os estudos de Leite, Baker e Sampaio (2009), Leite e Sampaio (2012) e Marques *et al.* (2014) que analisaram aspectos relacionados ao início da prática e da competição esportiva, o estudo de Cafruni, Marques e Gaya (2006) que analisaram os resultados esportivos ao longo da carreira de atletas profissionais e o estudo de Marques e Samulsky (2009) que buscou identificar em atletas de futebol características relativas à iniciação, escolaridade, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira, que serviram como balizadores para elaboração do questionário.

Validação do Questionário

Após a elaboração realizamos a validação em duas etapas: pré-peritagem e peritagem. A escolha dos participantes foi deliberada e intencional, e deveriam cumprir 5 dos 6 critérios de seleção estabelecidos no estudo (RODRIGUEZ; GIL; GARCIA, 1996). O Quadro 1 apresenta os critérios e os resultados dos peritos escolhidos para a validação: I) formação em Educação Física, II) pós-graduação em nível de doutorado, III) experiência como treinador de basquetebol de 3 anos em competições oficiais, IV) ter sido convocado para seleções Estaduais ou Nacionais; V) ser ou ter sido professor universitário; VI) possuir publicações científicas sobre o treinamento em basquetebol. Para o presente estudo participaram 4 peritos (P) na área da ciência do treinamento esportivo que atenderam os critérios de inclusão.

Quadro 1 – Critérios de Seleção dos Peritos para Validação do Questionário

	P1	P2	P3	P4
I	X	X	X	X
II	X		X	
III	X	X	X	X
IV		X	X	X
V	X	X	X	X
VI	X	X	X	X

Com intuito de verificar se as questões consideradas abrangiam a totalidade dos problemas deste estudo, os peritos propuseram ajustes em algumas questões com a intenção de

deixá-las mais claras para os participantes, além da retirada de três questões, totalizando ao final, 25 questões (pré-peritagem). Essa etapa de pré-peritagem teve como objetivo reduzir o número de questões, sem desconsiderar o objetivo da pesquisa, tornando a sua aplicação tão clara e célere quanto possível (BARREIRA *et al.*, 2012).

Após essa validação, o questionário foi aplicado a uma equipe piloto para verificar se o instrumento seria capaz de atender aos objetivos da pesquisa. Novas correções foram realizadas na formulação das questões, visando garantir a compreensão e a celeridade relativa ao preenchimento. E, então, após nova avaliação pelos peritos (peritagem), a estrutura do questionário com 25 questões foi aprovada. (ALEIXO; MESQUITA, 2016).

Aplicação do Questionário

Inicialmente houve um contato do pesquisador com os treinadores das equipes, quando foi explicado o objetivo do estudo e solicitado autorização para aplicação do questionário aos atletas. Para aplicação do questionário, considerando a grande dimensão geográfica do Brasil, foram utilizadas duas maneiras i) presencialmente, com a visita do autor durante os treinamentos da equipe; e ii) enviado pelo correio para um integrante da comissão técnica da equipe que distribuiu aos atletas para preenchimento.

Os atletas responderam o questionário (Anexo 3) após concordarem com o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), que descrevia os objetivos, as justificativas e as características da pesquisa. Os atletas assinaram o TCLE e utilizaram 20 a 30 minutos para responder o questionário.

Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada de duas formas. Para as questões de múltipla escolha (nominais), utilizamos o teste qui-quadrado, pois é um teste não paramétrico, que possibilita verificar a frequência com que determinado acontecimento observado se desvia significativamente ou não da frequência com que ele é esperado, permitindo assim caracterizar uma determinada amostra (BUSSAB; MORETTIN, 2002). Frequências relativas e absolutas foram utilizadas para resumir o banco de dados qualitativos. Para as questões de fato (quantitativas) utilizamos a estatística descritiva através da média e desvio padrão. Utilizamos também para comparação entre médias o teste da ANOVA, e quando diferenças estatísticas foram identificadas o *post hoc de Tuckey* foi utilizado para identificar quais grupos possuíam a diferença. O nível de significância de 0,05 foi utilizado nos testes estatísticos. Todas as análises foram realizadas através do programa GraphPad Prism.

RESULTADOS

Nesse tópico serão apresentados os dados obtidos da pesquisa retrospectiva realizada com atletas de alto rendimento de basquetebol do Brasil. A fim de facilitar o entendimento e a organização do trabalho optamos por dividir a apresentação dos dados nos três eixos indicados para pesquisa: a) início da trajetória esportiva; b) Resultados esportivos; c) Outros aspectos da trajetória esportiva dos atletas.

Início da trajetória esportiva dos Atletas de Basquetebol

Esse eixo buscou identificar informações sobre o início da trajetória esportiva como as idades de início e o local da prática do basquetebol, a prática de outras modalidades, idades de início e o local da competição no basquetebol, a quantidade e duração das sessões de treinamento, a competição em outras modalidades, a especialização em posições da modalidade e os motivos do abandono de companheiros de equipe.

A Tabela 1 e 2 apresentam as idades médias em que os atletas masculinos e femininos iniciaram a prática e a competição esportiva do basquetebol, além dos valores mínimos e máximos.

Tabela 1 – Idades de início da prática e da competição no basquetebol dos atletas masculinos

<i>Itens de Análise</i>	<i>Mín.</i>	<i>Máx.</i>	<i>Méd.</i>	<i>DP</i>
Início da Prática	5,0	17,0	11,4	2,9
Início da Competição	6,0	18,0	12,5	2,5

Legenda: Mín. – Valores mínimos; Máx. – Valores máximos; Méd. – Média; DP – Desvio padrão

Tabela 2 – Idades de início da prática e da competição no basquetebol das atletas femininas

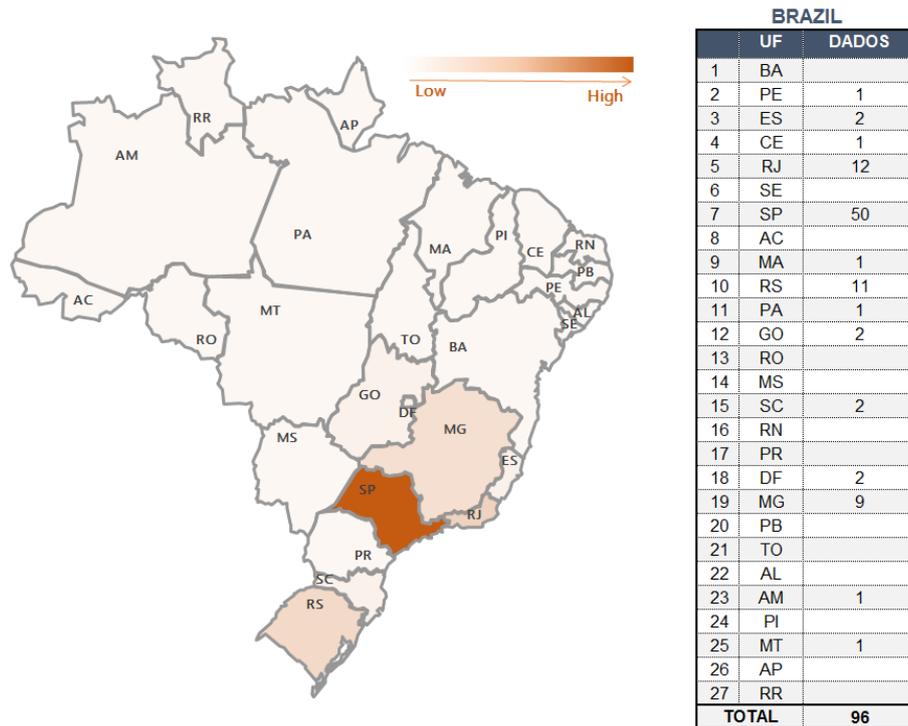
<i>Itens de Análise</i>	<i>Mín.</i>	<i>Máx.</i>	<i>Méd.</i>	<i>DP</i>
Início da Prática	6,0	16,0	10,8	2,8
Início da Competição	8,0	16,0	11,6	2,3

Legenda: Mín. – Valores mínimos; Máx. – Valores máximos; Méd. – Média; DP – Desvio padrão

As Figuras 2 e 3 demonstram o mapa onde os atletas masculinos e femininos iniciaram a prática e a competição do basquetebol⁶.

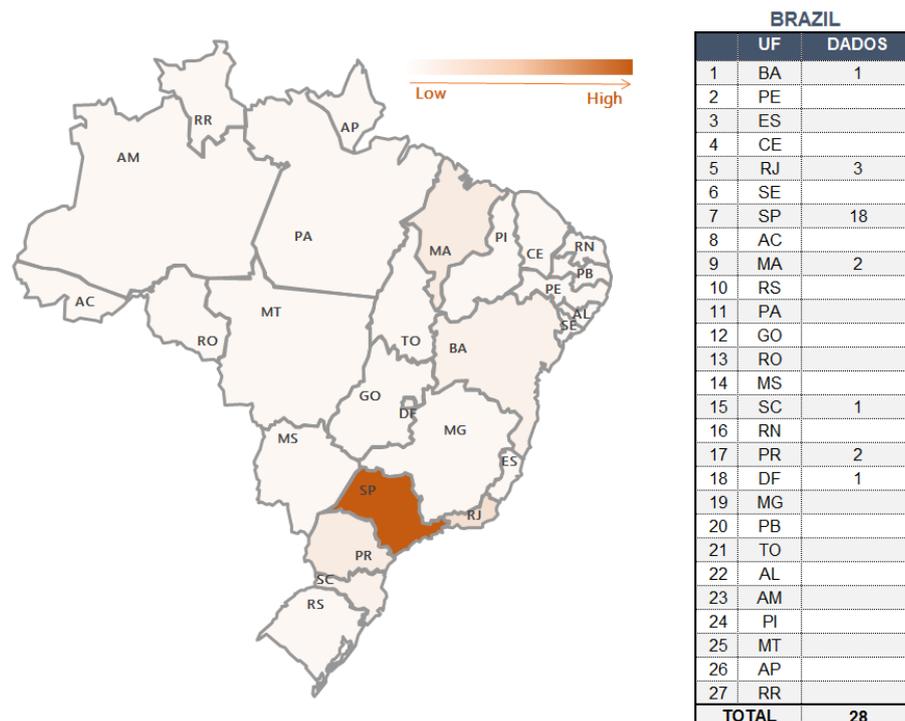
⁶ Todos os atletas pesquisados iniciaram a prática e a competição no mesmo estado.

Figura 2 – Estados brasileiros em que os atletas masculinos de basquetebol iniciaram a prática e competição.



Os dados mostram que 52,08% dos atletas iniciaram no estado de São Paulo, seguido por 12,5% do Rio de Janeiro, 11,5% do Rio Grande de Sul e 9,4% de Minas Gerais, e outros estados que possuem menor percentual de atletas.

Figura 3 – Estados brasileiros em que as atletas femininas de basquetebol iniciaram a prática e competição.



Os dados mostram que 64,3% dos atletas iniciaram no estado de São Paulo, seguido por 10,7% do Rio de Janeiro, 7,1% do Paraná e 7,1% do Maranhão, e outros estados que possuem menor percentual de atletas.

Elaboramos a Tabela 3 e 4 a seguir que apresentam os valores obtidos na pesquisa com os atletas masculinos e femininos de basquetebol relacionados ao início da trajetória esportiva.

Analisando a Tabela 3 observamos que a escola foi o local de início de 23% dos atletas, 46% iniciaram a prática do basquetebol em clubes (23% associados e 23% não associados) e 23% em instituições públicas. Em relação à prática de outras modalidades, 51% dos atletas praticaram o basquetebol e mais uma modalidade, 34% praticaram mais de duas modalidades, além do basquetebol, e 15% praticaram somente basquetebol. A prática de outras modalidades foi realizada por 25% dos atletas na Educação Física Escolar, 15% e 12% respectivamente, eram atletas associados e não associados que praticaram no clube esportivo, e ainda 20% praticaram em instituições públicas.

A Tabela 3 apresenta que 36% dos atletas iniciaram a competição no clube esportivo e não eram associados e 20% atletas também competiram inicialmente no clube, mas eram sócios, totalizando 56% que iniciaram a competição no clube. E, ainda, 20% competiram inicialmente em instituições públicas. Da amostra masculina, 54% apontaram que o treino possuía duração de 90 minutos, 49% destacaram havia 3 sessões semanais e 43% responderam que os treinamentos possuíam a duração de 10 meses. Destaca-se que 50% atletas responderam que iniciaram a prática e a competição na mesma idade, 31% competiram somente no basquetebol, os demais competiram também em outras modalidades e 19% apontam a Educação Física escolar como local da competição em outras modalidades.

Tabela 3 – Trajetória esportiva inicial dos atletas masculinos de basquetebol

Itens	Respostas					Qui-Quadrado	
	EF Escolar	Escolinha Particular	Clube Associado	Clube Não Associado	Instituições Públicas		
Local de Início da Prática	22 (23%)	8 (8%)	22 (23%)	22 (23%)	22 (23%)	5,976	
Prática de outras modalidades	Não, somente basquetebol	Sim, outra modalidade coletiva	Sim, outra modalidade individual	Sim, outra modalidade combate	Sim, mais de duas modalidades		
	14 (15%)	39 (41%)	7 (7%)	3 (3%)	33 (34%)	53,16*	
Local da prática de outras modalidades	Somente basquetebol	EF Escolar	Escolinha Particular	Clube Associado	Clube Não Associado	Instituições Públicas	
	12 (12%)	24 (25%)	15 (16%)	14 (15%)	12 (12%)	19 (20%)	6,87
Local de Início da Competição	EF Escolar	Escolinha Particular	Clube Associado	Clube Não Associado	Instituições Públicas		
	14 (15%)	9 (9%)	19 (20%)	35 (36%)	19 (20%)	19,8*	
Quantidade de Treinos na Semana	1	2	3	4	5		
	0 (0%)	12 (12%)	47 (49%)	14 (15%)	23 (24%)	64,3*	
Tempo de duração dos treinos	45 min	60 min	90 min	120 min	150 min		
	2 (2%)	18 (19%)	52 (54%)	23 (24%)	1 (1%)	89,52*	
Quantidade de meses do ano de treino	8	9	10	11	12		
	23 (24%)	19 (20%)	41 (43%)	9 (9%)	4 (4%)	42,95*	
Competições em outras modalidades	Não, somente basquetebol	Sim, outra modalidade coletiva	Sim, outra modalidade individual	Sim, outra modalidade combate	Sim, mais de 2 modalidades		
	30 (31%)	40 (42%)	6 (6%)	3 (3%)	17 (18%)	49,2*	
Local de Competição das outras modalidades	Somente no Basquetebol	Educação Física Escolar	Escolinha Particular	Clube Associado	Clube Não Associado	Instituições Públicas	
	30 (31%)	18 (19%)	6 (6%)	13 (13%)	14 (15%)	15 (16%)	19,62*
Especialista em uma posição	Sim, armador	Sim, lateral	Sim, pivô	Não, jogo em 2 posições	Não, jogo em 3 posições		
	18 (19%)	21 (22%)	28 (29%)	26 (27%)	3 (3%)	20,35*	
Motivos do abandono	Dedicação aos estudos	Lesões impediram a continuar	Não acompanhou desenvolvimento esportivo	Necessidade de trabalhar para ajudar a família	Outro		
	57 (59%)	2 (2%)	25 (26%)	12 (12%)	0 (0%)	137,61*	

Legenda: * frequência estatisticamente diferente $p < 0,01$

Analisando a Tabela 4 verificamos que as instituições públicas foram o local de início de 43% das atletas femininas, 29% em clubes (4% associadas e 25% não associadas), e 21% na Educação Física escolar. Em relação à prática de outras modalidades, 57% atletas praticaram o basquetebol e mais uma modalidade, 21% praticaram mais de duas modalidades, além do basquetebol e 21% praticaram somente basquetebol. A prática de outras modalidades foi realizada por 14% atletas na Educação Física escolar e 43% atletas praticaram em instituições públicas.

Os dados apresentam que 29% das atletas iniciaram a competição no clube esportivo e não eram associados e 7% atletas também competiram inicialmente no clube, mas eram sócios, totalizando 36% que iniciaram a competição no clube. Além disso, 36% competiram inicialmente em instituições públicas. Os atletas apontaram que o treino possuía duração de 90 minutos (46%) com 3 sessões semanais (49%), durante 10 meses (29%). Destaca-se que 50% das atletas responderam que iniciaram a prática e a competição na mesma idade e 50% competiram somente no basquetebol. Os demais competiram também em outras modalidades e 11% apontam a Educação Física escolar e 21% destacam as instituições públicas como local da competição em outras modalidades.

Sobre a especialização em posições do jogo de basquetebol, 70% dos atletas masculinos e 89% das atletas femininas são especialistas em uma posição (Masculino - 19% armadores, 22% laterais, 29% pivôs) (Feminino - 21% armadores, 39% laterais, 29% pivôs) e isso ocorreu desde os $13,75 \pm 2,15$ anos e $13,8 \pm 2,65$ anos, respectivamente. Além disso, 27% dos atletas masculinos e 11% das atletas femininas responderam que atuaram em duas posições, e 3% dos atletas masculinos atuaram nas três posições.

Tabela 4 – Trajetória esportiva inicial dos atletas femininas de basquetebol

Itens	Respostas					Qui-Quadrado	
	EF Escolar	Escolinha Particular	Clube Associado	Clube Não Associado	Instituições Públicas		
Local de Início da Prática	6 (21%)	2 (7%)	1 (4%)	7 (25%)	12 (43%)	13,78*	
Prática de outras modalidades	Não, somente basquetebol	Sim, outra modalidade coletiva	Sim, outra modalidade individual	Sim, outra modalidade combate	Sim, mais de duas modalidades		
	6 (21%)	9 (32%)	7 (25%)	0 (0%)	6 (21%)	8,07	
Local da prática de outras modalidades	Somente basquetebol	EF Escolar	Escolinha Particular	Clube Associado	Clube Não Associado	Instituições Públicas	
	6 (21%)	4 (14%)	1 (4%)	1 (4%)	4 (14%)	12 (43%)	6,33
Local de Início da Competição	EF Escolar	Escolinha Particular	Clube Associado	Clube Não Associado	Instituições Públicas		
	6 (21%)	2 (7%)	2 (7%)	8 (29%)	10 (36%)	9,14	
Quantidade de Treinos na Semana	1	2	3	4	5		
	0 (0%)	6 (21%)	13 (46%)	1 (4%)	8 (29%)	20,21*	
Tempo de duração dos treinos	45 min	60 min	90 min	120 min	150 min		
	0 (0%)	3 (11%)	13 (46%)	10 (36%)	2 (7%)	22,35*	
Quantidade de meses do ano de treino	8	9	10	11	12		
	3 (11%)	6 (21%)	8 (29%)	7 (25%)	4 (14%)	3,07	
Competições em outras modalidades	Não, somente basquetebol	Sim, outra modalidade coletiva	Sim, outra modalidade individual	Sim, outra modalidade combate	Sim, mais de 2 modalidades		
	14 (50%)	7 (25%)	5 (18%)	0 (0%)	2 (7%)	20,93*	
Local de Competição das outras modalidades	Somente no Basquetebol	Educação Física Escolar	Escolinha Particular	Clube Associado	Clube Não Associado	Instituições Públicas	
	14 (50%)	3 (11%)	0 (0%)	3 (11%)	2 (7%)	6 (21%)	26,05*
Especialista em uma posição	Sim, armador	Sim, lateral	Sim, pivô	Não, jogo em 2 posições	Não, jogo em 3 posições		
	6 (21%)	11 (39%)	8 (29%)	3 (11%)	0 (0%)	13,07*	
Motivos do abandono	Dedicação aos estudos	Lesões impediram a continuar	Não acompanhou desenvolvimento esportivo	Necessidade de trabalhar para ajudar a família	Outro		
	12 (43%)	1 (4%)	7 (25%)	7 (25%)	1 (4%)	15,57*	

Legenda: * frequência estatisticamente diferente $p < 0,01$

Analisando os dados dos atletas que se especializaram nas três posições, elaboramos as Tabelas 5 e 6 que apresentam as idades médias e a dispersão, além das idades mínimas e máximas para início da prática, competição e especialização no basquetebol. Realizamos o teste da ANOVA para comparação das médias e o *post hoc de Tuckey* para identificar quais grupos possuíam a diferença

Tabela 5 – Idades de início da prática, competição e especialização por posições dos atletas masculinos.

Posições	Prática do Basquetebol			Competição no Basquetebol			Especialização em Posições		
	Armador	Lateral	Pivô	Armador	Lateral	Pivô	Armador	Lateral	Pivô
Méd	10,5	12,1	12,5*	11,33	12,71	13,32*	11,9	13,4	14,0*
DP	3,0	2,5	3,1	2,2	2,3	2,1	2,1	2,3	1,6
Mín	5,0	8,0	8,0	8,0	8,0	8,0	8,0	8,0	12,0
Máx	15,0	14,0	17,0	16,0	18,0	17,0	16,0	18,0	18,0

Legenda: Mín. – Valores mínimos; Máx. – Valores máximos; Méd. – Média; DP – Desvio padrão.

*Diferença estatisticamente significativa entre pivô e armador ($p < 0,05$).

Tabela 6 – Idades de início da prática, competição e especialização por posições das atletas femininas.

Posições	Prática do Basquetebol			Competição no Basquetebol			Especialização em Posições		
	Armador	Lateral	Pivô	Armador	Lateral	Pivô	Armador	Lateral	Pivô
Méd	8,2	10,1	13,9*	13,0	11,0	14,1*	9,0	14,0#	14,2*
DP	1,3	2,0	1,5	1,2	2,0	1,5	2,5	2,9	1,8
Mín	6,0	7,0	11,0	10,0	8,0	11,0	9,0	9,0	11,0
Máx	10,0	14,0	16,0	13,0	14,0	16,0	15,0	18,0	16,0

Legenda: Mín. – Valores mínimos; Máx. – Valores máximos; Méd. – Média; DP – Desvio padrão.

*Diferença estatisticamente significativa entre pivô e armador ($p < 0,05$).

#Diferença estatisticamente significativa entre lateral e armador ($p < 0,05$).

Em relação à percepção sobre os motivos de companheiros de equipe abandonar a prática do basquetebol, 59% atletas masculinos apontaram os estudos e 26% por não terem acompanhado o desenvolvimento da equipe. Já 43% das atletas femininas apontaram como motivos de companheiros de equipe abandonar a prática do basquetebol os estudos, 25% por não terem acompanhado o desenvolvimento da equipe, e outras 25% necessidade de trabalhar para ajudar a família.

Os Quadros 2 e 3 apresentam os itens que obtiveram resultados significativos no teste qui-quadrado ($p < 0,01$) e caracteriza os atletas de basquetebol masculino e feminino respectivamente no início da trajetória esportiva.

Quadro 2 – Características dos atletas masculinos de basquetebol no início da trajetória esportiva

-
- Praticaram outra modalidade coletiva além do basquetebol
 - Local do início da competição ocorreu no clube e os atletas não eram sócios
 - Volume de treinamento - 3 sessões de treinamentos por semana, durante 90 minutos, por 10 meses no ano
 - Competiram em outra modalidade
 - Especializaram em uma posição do jogo
 - Estudo foi o principal motivo do abandono do basquetebol pelos companheiros de equipe
-

Quadro 3 – Características das atletas femininas de basquetebol no início da trajetória esportiva

-
- Iniciaram a prática em instituições públicas
 - Realizavam 3 sessões de treinamentos por semana, durante 90 minutos
 - Competiram somente no basquetebol
 - Especializaram em uma posição do jogo
 - Estudo foi o principal motivo do abandono do basquetebol pelos companheiros de equipe.
-

Resultados Esportivos dos Atletas de Basquetebol

As Tabelas 7 e 8 apresentam as idades em que os atletas masculinos e femininos de basquetebol conquistaram seus primeiros resultados esportivos. Elencamos quatro aspectos relacionados aos resultados esportivos: conquista da 1^a, 2^a ou terceira colocação em torneios oficiais, recebimento de remuneração, convocação para seleção estadual e convocação para seleção brasileira de base.

Tabela 7 – Idades iniciais de conquistas de resultados esportivos dos atletas masculinos

Idade	Méd.	DP	Mín.	Máx.
Conquista 1ª, 2ª ou 3ª colocação	14,0	2,2	9,0	19,0
Remuneração	16,0	1,2	13,0	18,0
Convocação Seleção Estadual	15,6	1,2	13,0	18,0
Convocação Seleção Brasileira Base	16,1	1,1	15,0	19,0

Legenda: Mín. – Valores mínimos; Máx. – Valores máximos; Méd. – Média; DP – Desvio padrão

Os dados ainda mostram que 92,7% conquistaram da 1ª, 2ª ou 3ª colocação em torneios oficiais, 93,7% receberam remuneração, 77,1% foram convocados para seleções estaduais, e 47,1% foram convocados para seleção brasileira de base, e 42,7% já foram convocados para a seleção adulta.

Tabela 8 – Idades iniciais de conquistas de resultados esportivos das atletas femininas

Idade	Méd.	DP	Mín.	Máx.
Conquista 1ª, 2ª ou 3ª colocação	13,5	2,0	10,0	17,0
Remuneração	15,8	1,4	12,0	19,0
Convocação Seleção Estadual	15,3	1,8	12,0	18,0
Convocação Seleção Brasileira Base	15,5	1,3	14,0	18,0

Legenda: Mín. – Valores mínimos; Máx. – Valores máximos; Méd. – Média; DP – Desvio padrão

Os dados apresentam também que 100% conquistaram da 1ª, 2ª ou 3ª colocação em torneios oficiais e também receberam remuneração, 92,9% foram convocados para seleções estaduais, e 89,3% foram convocados para seleção brasileira de base.

Outros Aspectos da Trajetória Esportiva dos Atletas de Basquetebol

Elaboramos as Tabelas 9 e 10 que apresentam os resultados da pesquisa realizada com atletas masculinos e atletas femininas de basquetebol referente ao 3º eixo que inclui escolaridade, tipo de escola, mudança de equipe/cidade e motivo, participação de parente no esporte e grau de apoio familiar.

Tabela 9 – Outros aspectos da trajetória esportiva dos atletas masculinos de basquetebol

Itens	Respostas						Qui-Quadrado
	Fundamental Incompleto	Fundamental Completo	Médio Incompleto	Médio Completo	Superior Incompleto	Superior Completo	
Grau Escolaridade (Atleta)		3 (3%)	7 (7%)	31 (32%)	42 (44%)	13 (13%)	88,5*
Escola que o atleta estudou	Tudo em escola pública	Tudo em escola particular com bolsa	Tudo em escola particular sem bolsa	Ens. fund. escola pública e ens. médio em particular com bolsa	Ens. fund. escola pública e ens. médio particular sem bolsa	Outro	
	36 (37%)	25 (26%)	9 (9%)	23 (24%)	2 (2%)	1 (1%)	62,5*
Mudança de casa antes dos 18 anos	Não mudei	Não mudei, mas viajava para treinar e competir	Sim mudei de cidade uma vez	Sim mudei de cidade mais de uma vez	Outra		
	21 (22%)	11 (11%)	32 (33%)	30 (31%)	2 (2%)		33,68*
Principal motivo para a mudança de cidade	Não mudei	Não possuía mais minha categoria	Equipe oferecia estrutura melhor	Receber remuneração (maior).	Outra		
	27 (28%)	13 (13%)	47 (49%)	6 (6%)	3 (3%)		68,16*
Parente que participa do esporte profissional	Não possui	Pai, mãe ou irmã(o)	Avôs ou avós	Tio ou primo de 1º grau	Possuo mais de um parente		
	61 (63%)	17 (18%)	9 (9%)	9 (9%)	0 (0%)		121,29*
Grau de apoio familiar - Financeiro	Nenhum Apoio (NA)	Pouco Apoio (PA)	Razoável Apoio (RA)	Muito Apoio (MA)	Total Apoio (TA)		
	2 (2%)	12 (12%)	22 (23%)	21 (22%)	39 (41%)		39,10*
Grau de apoio familiar – Incentivo em continuar treinando	Nenhum Apoio (NA)	Pouco Apoio (PA)	Razoável Apoio (RA)	Muito Apoio (MA)	Total Apoio (TA)		
	2 (2%)	2 (2%)	5 (5%)	20 (21%)	67 (70%)		160,35*
Grau de apoio familiar – Situações difíceis durante a carreira	Nenhum Apoio (NA)	Pouco Apoio (PA)	Razoável Apoio (RA)	Muito Apoio (MA)	Total Apoio (TA)		
	2 (2%)	7 (7%)	6 (6%)	15 (16%)	66 (69%)		147,23*
Grau de apoio familiar – presença nos jogos e treinos	Nenhum Apoio (NA)	Pouco Apoio (PA)	Razoável Apoio (RA)	Muito Apoio (MA)	Total Apoio (TA)		
	8 (8%)	15 (16%)	17 (18%)	21 (22%)	35 (36%)		20,87*

Legenda: * frequência estatisticamente diferente $p < 0,01$

A Tabela 9 demonstra que 76% dos atletas completaram o ensino médio (32% completaram o ensino médio e mais 44% ingressaram no ensino superior, mas não finalizaram), 37% estudaram durante todo o período em escola pública e 50% obtiveram bolsa de estudos (26% durante todo o período e 24% no ensino médio) em escola particular.

Os atletas declararam que 33% tiveram que mudar de cidade antes de completar 18 anos de idade para competir no basquetebol e 31% mudou duas vezes até esse período. E, ainda, 11% dos atletas não mudaram, mas viajavam para treinar em uma equipe de outra cidade e apenas 22% continuaram jogando em equipes de suas cidades. O motivo principal da mudança de cidade apontado por 49% atletas foi que a equipe oferecia melhor estrutura e para 13% por não haver sua categoria na cidade de residência.

A Tabela 9 ainda demonstra que 63% dos atletas masculinos não possuíam parentes que participavam do esporte profissional (atleta, técnico, preparador físico, dirigente, entre outros), e 18% possuíam pai, mãe ou irmã(o) atuando profissionalmente no esporte. Em relação ao grau de apoio familiar aos atletas, o grau de total apoio (TA) foi mais escolhido pelos atletas nos quatro itens analisados: financeiro, incentivo em continuar treinando, situações difíceis durante a carreira e presença nos jogos e treinos. Destacamos que o item incentivo em continuar treinando registrou o maior valor percentual de TA com 70%, seguido pelo item situações difíceis na carreira com 69% com TA, ainda 41% revelaram TA para apoio financeiro e a presença nos jogos e treinos foi o que apresentou menor percentual de TA com 36%.

Tabela 10 – Outros aspectos da trajetória esportiva das atletas femininas de basquetebol

Itens	Respostas						Qui-Quadrado
	Fundamental Incompleto	Fundamental Completo	Médio Incompleto	Médio Completo	Superior Incompleto	Superior Completo	
Grau Escolaridade (Atleta)	1 (4%)	0 (0%)	0 (0%)	8 (29%)	16 (57%)	3 (11%)	42,71*
Escola que o atleta estudou	Tudo em escola publica	Tudo em escola particular com bolsa	Tudo em escola particular sem bolsa	Ens. fund. escola pública e ens. médio em particular com bolsa	Ens. fund. escola pública e ens. médio particular sem bolsa	Outro	
	7 (25%)	2 (7%)	7 (25%)	10 (36%)	2 (7%)		8,78
Mudança de casa antes dos 18 anos	Não mudei	Não mudei, mas viajava para treinar e competir	Sim mudei de cidade uma vez	Sim mudei de cidade mais de uma vez	Outra		
	6 (21%)	2 (7%)	10 (36%)	10 (36%)			6,28
Principal motivo para a mudança de cidade	Não mudei	Não possuía mais minha categoria	Equipe oferecia estrutura melhor	Receber remuneração (maior).	Outra		
	6 (21%)	2 (7%)	10 (36%)	10 (36%)			6,28
Parente que participa do esporte profissional	Não possui	Pai, mãe ou irmã(o)	Avôs ou avós	Tio ou primo de 1º grau	Possuo mais de um parente		
	17 (61%)	5 (18%)	0 (0%)	5 (18%)	1 (4%)		32,71*
Grau de apoio familiar - Financeiro	Nenhum Apoio (NA)	Pouco Apoio (PA)	Razoável Apoio (RA)	Muito Apoio (MA)	Total Apoio (TA)		
	1 (4%)	3 (11%)	4 (14%)	5 (18%)	15 (54%)		21,28*
Grau de apoio familiar – Incentivo em continuar treinando	Nenhum Apoio (NA)	Pouco Apoio (PA)	Razoável Apoio (RA)	Muito Apoio (MA)	Total Apoio (TA)		
	1 (4%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (4%)	26 (93%)		93,07*
Grau de apoio familiar – Situações difíceis durante a carreira	Nenhum Apoio (NA)	Pouco Apoio (PA)	Razoável Apoio (RA)	Muito Apoio (MA)	Total Apoio (TA)		
	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	3 (11%)	25 (89%)		85,21*
Grau de apoio familiar – presença nos jogos e treinos	Nenhum Apoio (NA)	Pouco Apoio (PA)	Razoável Apoio (RA)	Muito Apoio (MA)	Total Apoio (TA)		
	1 (4%)	4 (14%)	4 (14%)	3 (11%)	16 (57%)		25,21*

Legenda: * frequência estatisticamente diferente $p < 0,01$

A Tabela 10 demonstra que 86% dos atletas completaram o ensino médio (29% completaram o ensino médio e 57% ingressaram no ensino superior, mas também não finalizaram) e 25% estudaram durante todo o período em escola pública e 43% obtiveram bolsa de estudos (7% em todo o período e 36% durante o ensino médio) em escola particular.

Das atletas femininas, 36% declararam que optaram por mudar de cidade antes de completar 18 anos de idade para competir no basquetebol e 36% mudou duas vezes até esse período. Além disso, 7% não mudaram, mas viajavam para treinar em uma equipe de outra cidade e apenas 21% continuaram jogando em equipes de suas cidades. O motivo principal da mudança de cidade apontado por 36% atletas foi que a equipe oferecia melhor estrutura e para outras 36% foi devido à remuneração obtida para jogar na outra equipe.

A Tabela 10 ainda demonstra que 61% das atletas femininas não possuíam parentes que participavam do esporte profissional e 18% possuíam pai, mãe ou irmã(o) atuando profissionalmente no esporte e outros 18% possuíam tios ou primos de 1º grau. Em relação ao grau de apoio familiar aos atletas, TA também foi o mais escolhido pelos atletas nos quatro itens analisados: financeiro, incentivo em continuar treinando, situações difíceis na durante a carreira e presença nos jogos e treinos. Destacamos que o item incentivo em continuar treinando registrou o maior valor percentual de TA com 93%, seguido pelo item situações difíceis na carreira com 89% com TA, ainda 54% revelaram TA para apoio financeiro e a presença nos jogos e treinos foi o que apresentou menor percentual de TA com 57%

Os Quadros 4 e 5 a seguir apresentam os itens que obtiveram resultados significativos no teste qui-quadrado ($p < 0,01$) e caracteriza os atletas de basquetebol masculino e feminino para outros aspectos da trajetória esportiva

Quadro 4 – Características dos atletas masculinos de basquetebol para outros aspectos da trajetória esportiva

- Ensino superior incompleto
- Estudaram em escola pública
- Mudaram de cidade pelo menos uma vez
- Motivo foi justificado pela melhor estrutura oferecida pela equipe
- Não possuem parentes no esporte
- Obtiveram total apoio familiar nos aspectos financeiro, incentivo em continuar treinando, durante situações difíceis na carreira e a presença dos familiares nos jogos e treinos.

Quadro 5 – Características das atletas femininas de basquetebol para outros aspectos da trajetória esportiva

-
- Possuem ensino superior incompleto
 - Não possuem parentes no esporte
 - Obtiveram total apoio familiar nos aspectos financeiro, incentivo em continuar treinando, durante situações difíceis na carreira e a presença dos familiares nos jogos e treinos.
-

DISCUSSÃO

Nesse tópico realizaremos a discussão da trajetória esportiva dos atletas masculinos e das atletas femininas de alto rendimento no basquetebol do Brasil, a partir dos dados obtidos na presente pesquisa retrospectiva, considerando também outros estudos que analisaram algumas características de atletas de diferentes modalidades no Brasil e em outros países que serviram como referencial teórico. Na apresentação e discussão dos dados percentuais, optamos por apresentar os dados conjuntamente dos atletas masculinos e femininos, utilizando sempre essa sequência.

Início da trajetória esportiva

Estudos de natureza exploratória, que auxiliaram na elaboração do DMSP, resgataram a experiência esportiva de atletas desde a infância, tendo em vista a constatação de que a *expertise* possui relação com o envolvimento no esporte desde uma prática diversificada já a partir dos seis ou sete anos, denominada *sampling* (etapa experimentação) (ABBOTT; COLLINS, 2004; BAILEY; MORLEY, 2006; DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; LEITE; BAKER; SAMPAIO, 2009; LEITE; SAMPAIO, 2012). Esse fator determina os estágios de participação e de desempenho esportivo de longo prazo (BAKER; CÔTÊ; ABERNETHY, 2003; BAKER; CÔTÊ; DEAKIN, 2005; MOESCH *et al.*, 2011; HORNIG; AUST; GÜLLICH, 2014), pois permite desenvolver capacidades comuns e que são transferíveis posteriormente entre outras modalidades, com a possibilidade de evitar a especialização precoce e o abandono no esporte (BAKER; CÔTÊ; ABERNETHY, 2003; BAKER; HORTON, 2004; ALBERNETHY; BAKER; CÔTÊ, 2005; BAKER; CÔTÊ; DEAKIN, 2006).

Outros estudos relacionaram algumas variáveis e compararam atletas de elite e atletas *near-elite* e apontam a diversificação como alternativa à especialização em etapas iniciais (CARSON, 1988; BARYNINA; VAITSEKHOVSKII, 1992; HODGES; STARKES, 1996; SOBERLAK; CÔTÊ, 2003; HUME *et al.*, 2004; LAW; CÔTÊ; ERICSSON, 2007; HELSEN; STARKES; HODGES, 1998; GULLICH; EMRICH, 2006; LIDOR; LAVYAN, 2002; MOESCH *et al.*, 2011; BAKER; CÔTÊ; ALBERNETHY, 2003; WALL; CÔTÊ, 2007). Em conformidade com o primeiro princípio do DMSP, essas pesquisas demonstraram que a diversidade esportiva antes da etapa de especialização, em oposição à prática de um único esporte, permitiu alcançar níveis mais elevados (elite), com ampliação da experiência dos envolvidos em torno da prática esportiva, proporcionando estímulos diversos, potencializando aquisição de habilidades motoras gerais, aumentando a longevidade esportiva e beneficiando suas relações sociais.

O presente estudo identificou durante a etapa de iniciação três aspectos: o momento em que os atletas iniciaram a prática do basquetebol, a quantidade de modalidades praticadas durante essa etapa inicial e, por último, o local da prática dessas modalidades esportivas. Não foram analisadas outras atividades, como brincadeiras e jogos, além das modalidades esportivas na etapa de *sampling*.

Verificamos que os atletas de alto rendimento do basquetebol brasileiro iniciaram a prática esportiva na modalidade aos $11,45 \pm 2,89$ anos no masculino e $10,79 \pm 2,78$ no feminino. Estudo de Cunha *et al.* (2017) com 102 atletas masculinos que participaram da temporada 2014/2015 da NBB demonstraram resultados semelhantes, com a idade de início dos atletas brasileiros aos 11,19 anos, porém analisando a idade de início da prática dos atletas estrangeiros a média de idade foi de 7,56 anos.

Observamos que 15% dos atletas masculinos e 21% das atletas femininas praticaram somente basquetebol na etapa de iniciação esportiva, ou seja, o início do envolvimento esportivo corresponde com o início da prática do basquetebol. Além disso, somente 34% no masculino e 21% no feminino praticaram mais de duas modalidades, o que pode representar pouca diversificação esportiva durante a etapa inicial.

Importante destacar que o DMSP surgiu a partir de estudos baseados no modelo norte-americano, cenário que possibilita e estimula a prática de diversas modalidades esportivas na etapa inicial (*sampling*) na escola. Os resultados apresentados apontam que apenas 23% dos atletas masculinos e 21% das atletas femininas iniciaram a prática do basquetebol na Educação Física Escolar, e 25% e 14% respectivamente revelaram que praticaram outras modalidades nesse mesmo local.

Considerando os dados da presente pesquisa podemos afirmar que o início do envolvimento no esporte dos atletas de alto rendimento do basquetebol brasileiro não ocorreu na escola e, aliado aos resultados que demonstraram a prática de poucas modalidades durante a etapa inicial, nos levam a concluir que esses atletas tiveram seu envolvimento com a prática esportiva relativamente tarde. Essa constatação deriva da comparação com os estudos de atletas de elite, que apontam para a prática diversificada do esporte em idades inferiores (ABBOTT; COLLINS, 2004; BAILEY; MORLEY, 2006; DURAND-BUSH; SALMELA, 2002; LEITE; BAKER; SAMAPAI, 2009; LEITE; SAMPAIO, 2012), que de acordo com o PAF, pode dificultar o engajamento pessoal no esporte e o envolvimento com a prática esportiva de participação ou desempenho em idades posteriores (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Corroborando com outros estudos que apontaram o clube como principal instituição para formação e desenvolvimento de atletas no Brasil (BENELI, 2007; GALATTI *et al.*, 2015),

46%*⁷ dos atletas masculinos (23% sócios e 23% não eram associados) iniciaram a prática no clube. Os resultados diferem no feminino, 43%* das atletas começaram a praticar o basquetebol em instituições públicas, apenas 29% das atletas iniciaram no clube, sendo que apenas uma atleta era associada.

O clube, historicamente foi a principal instituição de formação e desenvolvimento esportivo no Brasil, caracterizada como entidade privada e que quase sempre desenvolve seus programas de basquetebol na etapa de iniciação esportiva para seus associados que conseguem custear os valores das mensalidades (com a profissionalização do esporte esse aspecto foi mais potencializado). Esse fato restringe o acesso à prática esportiva em geral e também do basquetebol de forma sistematizada por indivíduos que não possuem condições sociais para se tornar associado. Em relação ao basquete feminino, observamos uma pequena quantidade de atletas e equipes nas categorias de base e adulta no Brasil, assim as instituições públicas acabam tendo esse papel importante, porém parece que esse fato é evidenciado devido à carência esportiva no basquetebol feminino brasileiro.

Em relação à competição, acreditamos na possibilidade de utilizá-la com caráter essencialmente participativo na etapa de iniciação esportiva e satisfazer necessidades esportivas pessoais e sociais. Mas, também, representa a busca por alcançar o resultado, como objetivo de um jogo esportivo, caracterizado pelo confronto entre duas equipes. Durante o confronto ocorre a busca pelo aprimoramento esportivo na modalidade e, nesse sentido, a participação em competições oficiais indica o ingresso na etapa de especialização.

Identificamos na presente pesquisa quatro aspectos sobre a competição: a) momento em que os atletas iniciaram a competição, b) a quantidade de modalidades em que os atletas competiram, c) o local em que eles competiram e d) o volume de treinos.

Os resultados demonstram que 50% dos atletas (masculino e feminino) iniciaram a competição no basquetebol no mesmo momento em que ingressaram na modalidade, ou seja, iniciaram a prática já competindo (etapa de especialização). Cunha *et al.*, (2017) apontam em seu estudo que os atletas brasileiros de basquetebol apresentaram um intervalo médio de 17 meses entre o início da prática esportiva (iniciação) e o início da competição oficial, enquanto jogadores estrangeiros apresentaram em média um período de 32 meses. No basquetebol brasileiro, encontramos um intervalo médio de aproximadamente 13 meses para os atletas masculinos e de 10 meses para atletas femininas. Esse aspecto indica um período restrito para desenvolvimento dos principais estímulos e objetivos determinados para etapa de iniciação,

⁷ Para facilitar o entendimento do leitor, colocaremos um asterisco para identificar que o valor percentual possui resultado significativo ($p < 0,01$) para o teste do qui-quadrado.

sugerindo que esses atletas brasileiros, por possuírem determinadas características antropométricas, são selecionados pelas equipes devido à competição.

Os atletas masculinos de basquetebol também competiram inicialmente no clube (56% dos atletas masculinos), a maioria desses atletas não eram associados (36%) e ainda 20% iniciaram a competição em instituições públicas. Já as atletas femininas de basquetebol 36% competiram inicialmente no clube (29% não eram associadas) e 36% nas instituições públicas. Além disso, os dados corroboram com outros estudos que apontam a região sudeste (76% no masculino e 75% no feminino) e principalmente o estado de São Paulo (52% no masculino e 64% no feminino), como a principal região de desenvolvimento de atletas de basquetebol (FOLLE *et al.*, 2016; GALATTI *et al.*, 2015; CUNHA *et al.*, 2017).

Os atletas de basquetebol iniciaram a competição na modalidade aos $12,5 \pm 2,52$ anos no masculino, dentro da faixa etária sugerida pela literatura (BALYI, 2001; BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003; GOMES, 2009; CÔTÉ; VIEERIMA, 2014), bem como pela entidade⁸ oficial de organização esportiva do basquetebol no Brasil. Por outro lado, as atletas femininas iniciaram a competição em idades precoces aos $11,64 \pm 2,4$ anos de idade.

O estudo de Bojikian *et al.*, (2007) com 79 atletas pertencentes às seleções brasileiras infanto-juvenil, juvenil e adulta, e mais três equipes adultas de voleibol (*near-elite*), demonstrou que a média geral de idade de início da prática competitiva das jogadoras ocorreu aos $11,6 \pm 2,43$ anos semelhante as idades de início das atletas de basquetebol da presente pesquisa. Considerando somente as atletas adultas dos clubes a média de idade diminui para $11,2 \pm 2,6$ anos, e analisando apenas as atletas da seleção brasileira adulta, a média aumenta para $13 \pm 0,8$ anos de idade, corroborando com os estudos (JAYANTHI *et al.*, 2013) que compararam atletas de elite com atletas *near-elite*.

Estudo de Paes (1989) aponta que a maioria dos atletas iniciou a competição em idades posteriores. Santana e Ribeiro (2010) destacam que os atletas com passagem pela seleção brasileira iniciaram a competição em idades preconizadas pela literatura. Marques *et al.* (2014) em seu estudo com 52 atletas de voleibol masculino participantes do campeonato paulista e da Superliga B, encontraram em seu estudo que a idade de início na competição foi de $14,3 \pm 2,1$, valor superior as idades encontradas dos atletas masculinos de basquetebol na presente pesquisa⁹.

Essa evidência em relação às idades de início na competição também pode ser observada nos estudos de Leite e Sampaio (2012) realizado com 1170 atletas (629 masculino e

⁸ De acordo com a CBB, a primeira categoria no basquetebol masculino é denominada de sub-12, na qual os atletas completam 12 anos naquele ano em que ocorre a competição, e no feminino a primeira categoria é o sub-13.

⁹ Ressalta-se que a regra oficial do voleibol determina o sub-13 como a categoria inicial. Esse é um aspecto positivo e parece estimular a competição em idades mais tardias. Mais informações. <http://2018.cbv.com.br/voleibol>

514 feminino) de basquetebol portugueses divididos em 4 grupos, considerando as faixas etárias. Apesar dessa classificação etária, os autores demonstram que o grupo de alto nível denominado em seu estudo de grupo *win*, no masculino apresentou 43,6% dos atletas que começaram a competir entre 6 e 10 anos, e 46,5% iniciaram a competição entre 11 e 14 anos. O feminino apresenta dados semelhantes, sendo que 42,4% das atletas começaram a competir entre 6 e 10 anos e 48,8% iniciaram a competição entre 11 e 14 anos.

A pequena quantidade de modalidades praticadas e a iniciação esportiva tardia (ou inexistente) podem dificultar a busca pela construção de uma base para alcance da etapa posterior, na qual se busca a estruturação do treinamento direcionado para o desenvolvimento multilateral, ensino de diferentes gestos motores e habilidades básicas utilizando para tanto atividades lúdicas e jogos que estimulem a motivação do atleta (WEINECK, 1999; BOMPA, 2002; GOMES, 2009). A ausência ou a pequena quantidade de volume de prática na iniciação esportiva provoca uma participação restrita dos atletas em contextos de aprendizagem emocional, criativa e informal, e não permite criar uma base para o seu desenvolvimento na próxima etapa, seja para o esporte de participação ou desempenho (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Em relação à diversificação na competição esportiva, observamos que somente 18% no masculino e 7% no feminino competiram em mais de duas modalidades e, além disso, 31% no masculino e 50%* no feminino competiram somente no basquetebol. Côté, Turnnidge e Evans (2014) destacam que a diversificação também ocorre através da prática da mesma modalidade com mudanças nas configurações a partir de alterações nas atividades propostas, além da possibilidade de interação social com os seus colegas e também com adultos praticantes. Não obstante, percebemos que as vivências esportivas dos atletas foram bastante restritas, quando consideramos a quantidade de modalidades praticadas durante a etapa de iniciação esportiva.

Estudo de Marques *et al.* (2014) concluiu que a maioria dos atletas de voleibol no Brasil não foram especializados precocemente. Dentre os argumentos levantados para chegar a essa conclusão, o autor apresenta que a maioria dos sujeitos do estudo participaram de competições em mais de uma modalidade esportiva, além do voleibol. Porém, não faz uma distinção em relação às características e ao local (instituição) dessas competições. Distinção que se torna relevante, em especial quando constatamos as condições para realização das aulas de Educação Física no Brasil e comparamos com modelos esportivos de outros países desenvolvidos que realizaram pesquisas sobre o assunto, pois considerar a diversificação do

atleta na competição devido sua participação nos torneios escolares pode ser bastante questionável.

Marques e Oliveira (2001) já criticavam a prática esportiva na escola, sobretudo, mencionando aspectos relacionados à pobreza de experiências motoras e esportivas. E, ainda, inferimos que em muitos casos, devido à condição física e antropométrica, crianças e jovens que praticam apenas uma modalidade (usualmente através da prática deliberada em clubes ou entidades que participam do esporte oficial) possuem condições de competir nos jogos escolares sem participar dos programas de treinamento na escola, se é que existem. Isso é possível devido ao baixo nível nos indicadores de jogo no esporte escolar, sobretudo técnico, tático e físico (MONTAGNER, 1999).

Carone (2010) realizou um estudo sobre a competição escolar analisando a Olimpíada Colegial do Estado de São Paulo (OCESP), enfatizando a região Leste de Campinas, cujos resultados evidenciam números insignificantes de participação dos alunos no esporte escolar com a taxa média de 14,3 participantes para cada 1000 alunos matriculados (1,43%). Considerando, ainda, que os alunos eram contabilizados por participação nas modalidades, ou seja, o mesmo aluno que participava de várias modalidades era contabilizado várias vezes, fato que ocorria de acordo com o relato dos professores entrevistados. Por essas constatações, participar e competir em outras modalidades na escola parece não ser indicativo de diversificação esportiva ou diversidade motora, no máximo uma vivência em outra modalidade de forma pouco profunda.

Apesar de parte dos atletas declararem ter praticado mais de uma modalidade, além do basquetebol, o que poderia sugerir uma diversificação, semelhante ao estudo de Marques *et al.* (2014) em uma etapa inicial da trajetória esportiva, essa informação é questionável devido à natureza da prática esportiva e as condições da Educação Física Escolar no Brasil. O estudo de Marques e Samulsky (2009) apresenta que 68% dos atletas de futebol profissionais brasileiros não praticaram outras modalidades esportivas. O estudo de Marques *et al.* (2014), apesar de não analisar a quantidade de modalidades praticadas na etapa inicial (somente na competição), demonstrou que 38,4% da amostra de jogadores de voleibol profissional masculino competiram unicamente no voleibol, cuja participação se apresentou maior que o percentual de atletas masculinos de basquetebol que competiram somente no basquetebol (31%).

Em relação ao volume de treinamento Leite e Sampaio (2012) encontraram em seu estudo com atletas de basquetebol portugueses no grupo *win* (alto nível), que a maioria dos atletas durante as idades de 6 a 10 anos apresentaram volume de 240-300 minutos por semana, com total de 40,8% dos atletas masculino e 34,4% no feminino. Na etapa seguinte, entre os 11 e

14 anos, esse valores percentuais de atletas que treinavam entre 240-300 minutos por semana aumentaram para 73,2% no masculino e 65,6% no feminino no grupo *win*. Serrano *et al.* (2013) realizaram uma pesquisa com atletas de futsal portugueses de elite, intermédio e regional, e demonstraram que o maior percentual em relação ao volume de treinamento em idades de 6 a 10 anos e 11 a 14 anos esteve entre 4 a 6 horas por semana para os três grupos analisados.

Os atletas brasileiros de basquetebol apontaram que os treinamentos no momento em que começaram a competir possuíam duração de 90 minutos (54%* masculino e 46%* feminino) com 3 sessões semanais (49%* ambos), o que totaliza 240 minutos semanais, durante 10 meses (43%* masculino e 29% feminino).

Percebemos que os volumes dos atletas portugueses no estudo de Leite e Sampaio (2012) e também do estudo de Serrano *et al.* (2013) são semelhantes aos valores observados pelos atletas brasileiros na etapa de especialização (11 a 14 anos). Não obstante, observamos que na etapa anterior (6 a 10 anos) 40,8% dos atletas portugueses de basquetebol do gênero masculino e 34,4% no feminino já possuíam um volume de prática de 240-300 minutos por semana, semelhantes aos achados de Serrano *et al.* (2013) com atletas de futsal.

Os dados demonstram a importância do envolvimento com esporte já a partir dos 6 anos. Esse aspecto não foi observado nos atletas brasileiros, pois apesar de não analisarmos outras atividades, além da prática de modalidades esportivas na etapa de iniciação, a maioria dos sujeitos apontou que praticaram poucas modalidades e iniciaram no esporte através da prática do basquetebol em idades mais avançadas, a partir dos 11-12 anos.

Observamos, ainda, que 70% dos atletas masculinos e 89% das atletas femininas foram especializados em alguma posição, fato que ocorreu quando os atletas tinham idade média de, respectivamente, 13,75+/-2,15 e 13,8+/-2,65 anos. Bohnert, Fredericks e Randall (2010) apontam que a prática em diferentes posições possibilita a diversificação de suas funções e objetivos, desencadeando experiências e resultados distintos aos participantes. Esse fato não foi observado na maioria dos atletas de basquetebol, sobretudo, nas atletas femininas.

Analisando as Tabelas 3 e 8, que demonstram as idades de início da prática, competição e especialização nas posições do jogo, percebemos para ambos os gêneros, que os valores médios para os três itens, possuem diferença estatisticamente significativa entre pivôs e armadores. Além disso, para o feminino também existe diferença significativa entre lateral e armador para o início da especialização na posição.

Relacionando os resultados dessa pesquisa, inferimos que quando se iniciam as competições oficiais, as equipes (formadas nos clubes) buscam reforços e selecionam atletas que se destacam pelo seu perfil antropométrico (altura e envergadura), mas que invariavelmente não

obtiveram oportunidade de participar da iniciação esportiva em idades adequadas (não associados dos clubes). Não parece ser coincidência que os atletas especializados na posição de pivô (caracterizada por um elevado perfil antropométrico) tenham iniciado a prática e a competição em idades mais tardias, tanto no masculino como no feminino. O estudo de Felicissimo (2015) sobre o processo de detecção e seleção de talentos no voleibol feminino apresenta características semelhantes e aponta que a “peneira” é a maneira mais utilizada para seleção dos atletas. Os treinadores participantes da pesquisa destacaram que o critério prioritário é a busca pelo biótipo ideal (estatura elevada, longilínea e magra) e destacam seu papel no desenvolvimento dessas atletas para o alcance do alto rendimento.

Estudo de Paes (1989) com jogadores de basquetebol foi um dos pioneiros no Brasil, quando analisou as idades em que os atletas iniciaram a competição. Já naquele período apontou não haver coincidência no fato de que a maioria dos atletas (21) que continuaram na prática do basquetebol tenha iniciado na competição após os 12 anos. Considerando os resultados da pesquisa atual, podemos afirmar que jovens que iniciam tardiamente na modalidade podem alcançar o alto rendimento no basquetebol brasileiro, mas parece existir uma relação direta com a posição de jogo e, conseqüentemente, com o perfil antropométrico. Esse fato, em linha oposta de argumentação, sugere que os indivíduos com perfil antropométrico menor que iniciam mais tarde possuem menores condições de tornarem atletas de alto rendimento no basquetebol brasileiro.

Em relação aos motivos de companheiros de equipe abandonar a prática do basquetebol, 59%* atletas masculinos e 43%* do feminino apontaram os estudos como principal fator, e 26% e 25 %, respectivamente, por não terem acompanhado o desenvolvimento da equipe. Os resultados corroboram com o estudo realizado por Dias (2015) com atletas brasileiros, quando averiguou os motivos do abandono da carreira esportiva de indivíduos considerados talentosos e que praticaram modalidades olímpicas individuais (tênis, ginástica rítmica, natação, judô, atletismo) e coletivas (basquetebol, voleibol, handebol). . O autor apresenta como principal motivo a incompatibilidade entre o esporte e a continuidade dos estudos. Dias (2015) afirma que o jovem necessita optar entre arriscar e continuar a carreira esportiva (mesmo com o insuficiente suporte financeiro, técnico e social) ou abandonar a modalidade e prosseguir com os estudos almejando um futuro mais seguro.

Marques *et al.* (2014) evidenciaram que as razões para o abandono dos colegas no voleibol foi a falta de incentivo para 23,1%, os estudos e o trabalho para 17,3% dos atletas pesquisados. Mesmo que acompanhado por outros fatores, o aspecto social (estudos) parece ser um fator determinante para a continuidade na carreira esportiva de jovens no cenário esportivo

brasileiro, diferentemente de outros países em que a educação caminha junto e a escola é uma instituição que promove e fomenta a prática do esporte nos diferentes níveis.

Resultados Esportivos Iniciais

Estudos na área da Ciência do Esporte e da Teoria e Metodologia do Treinamento Desportivo (MATVEEV, 1991; ZAKHAROV, 1992; MARQUES, 1993; FILIN, 1996; WEINECK, 1999; PLATONOV, 1999; GOMES, 2009; BOMPA, 2012) defendem o treinamento esportivo para jovens, realizado através de uma preparação planejada, sistematizada com a divisão de etapas, denominada de Preparação Desportiva a Longo Prazo (PDLP).

Alguns estudos estabeleceram críticas em torno da maximização do rendimento esportivo nas fases iniciais da formação esportiva, ou seja, a busca por objetivos relacionados aos resultados e às melhorias do desempenho em etapas anteriores (BLOOM, 1985; WEINECK, 1986; MARQUES, 1993; CÔTÊ, 1999; BALYI, 2002; CAFRUNI; MARQUES; GAYA, 2006; CÔTÊ; HAY, 2002; BAKER, 2003; BOMPA 2012).

O resultado esportivo em uma etapa inicial é um aspecto bastante questionado por alguns autores, pois sugerem uma especialização precoce, com foco na busca por um desempenho ótimo em idades anteriores. Zakharov (1992) aponta que os resultados prematuros podem ser consequência de uma preparação forçada. Coelho (2000) acrescenta que a especialização e a intensificação precoce da preparação esportiva podem promover uma elevação rápida do rendimento, mas também antecipa sua estagnação. Alguns autores (FILIN, 1996; BOMPA, 2002; COELHO, 2000) reconhecem que o alcance dos resultados em uma etapa inicial, não garante o sucesso e os resultados no futuro. Contudo, Sobral (1988) já apontava que nas modalidades individuais, considerando as características cíclicas e a forte influência do componente físico e técnico, o grau de indeterminação seja menor que nas modalidades coletivas, em que existe uma complexidade estrutural, e com isso aumento da importância do componente tático do jogo, bem como da integração entre eles.

Autores clássicos do treinamento esportivo (ZAKHAROV, 1992; FILIN, 1996; BOMPA, 2002; COELHO, 2000) reconhecem que o alcance dos resultados em idades iniciais não garante o sucesso na carreira em etapas posteriores, pois ainda não atingiram o estágio de prestação mais elevada no esporte. Além disso, outros aspectos podem influenciar na formação esportiva, como o nível maturacional (SOBRAL, 1988).

No estudo de Cafruni, Marques e Gaya (2006) foram analisados os resultados esportivos durante a carreira dos atletas de modalidades individuais e coletivas no Brasil, dividindo a PDLP em 3 etapas. Os autores demonstraram que 27,5% conseguiram altos

resultados (AR¹⁰) na primeira etapa da PDLP, 67,3% na segunda etapa e 87,3% alcançaram AR na terceira etapa. A amostra possuía 66,7% de atletas praticantes nas modalidades individuais (ginástica artística, ginástica rítmica, tênis e natação), além de 33,3% nas modalidades coletivas voleibol e futsal. A modalidade coletiva voleibol foi aquela que apresentou maior índice de AR na segunda etapa com 87,5% dos atletas alcançando esse feito. Além disso, o estudo não considerou aspectos importantes como as análises sobre o contexto social dos indivíduos e do modelo de organização da modalidade no país, características que influenciam a prática e a formação esportiva.

Diversos autores (MARQUES *et. al.*, 2014; MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014; CAFRUNI; MARQUES; GAYA, 2006; OLIVEIRA; PAES, 2012) destacam que, no Brasil, a busca dos resultados a curto prazo tem ocorrido com frequência em todas as categorias. Oliveira e Paes (2012) apontam esse aspecto como um dos motivos para os resultados indesejáveis das seleções nacionais no cenário internacional.

A presente pesquisa demonstrou que 92,71% dos atletas masculinos de basquetebol obtiveram a conquista de 1º, 2º ou 3º lugar nos torneios oficiais e isso ocorreu pela primeira vez com idade média de $14 \pm 2,24$ anos. No caso do feminino 93,75% das atletas também alcançaram essa conquista com idade média de $13,5 \pm 1,99$ anos. Cafruni, Marques e Gaya (2006) em seu estudo demonstram que na modalidade voleibol (n=40) 32,5% das atletas femininas obtiveram AR na primeira etapa da trajetória esportiva (12-15 anos) e 87,5% obtiveram AR na segunda etapa (16-18 anos).

Os atletas masculinos e as atletas femininas de basquetebol começaram a receber remuneração aos $16 \pm 1,19$ e $15,8 \pm 1,42$ anos respectivamente. Marques *et al.* (2014) observaram que os atletas masculinos de voleibol receberam sua primeira remuneração com idades próximas com média de $16,4 \pm 3,7$ anos.

Dos atletas masculinos de basquetebol, 77,08% foram convocados para seleções estaduais, cujo fato aconteceu em média aos $15,6 \pm 1,18$ anos, e 47,08% dos participantes da pesquisa foram convocados para seleção brasileira de base com idades médias de $16,1 \pm 1,06$ anos. Já as atletas femininas 92,86% foram convocadas para seleções estaduais com $15,3 \pm 1,79$ anos e 89,29% das atletas pesquisadas foram convocados para seleção brasileira de base. Cunha *et al.* 2017 encontraram resultados semelhantes apresentando que 50% dos atletas masculinos pesquisados foram convocados para alguma seleção de categorias de base durante sua carreira.

¹⁰ Os autores do estudo consultaram cinco treinadores de cada modalidade e definiram através do método de validação por consenso, alguns critérios para identificar os atletas que obtiveram altos resultados (AR).

Os resultados dessa pesquisa no basquetebol corroboram com outros estudos de modalidades diferentes que demonstram (ou discutem) que de maneira geral os atletas brasileiros conquistaram resultados em idades precoces (MARQUES, *et. al.*, 2014; MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014; CAFRUNI; MARQUES; GAYA, 2006; OLIVEIRA; PAES, 2012). Apesar dos estudos apresentarem críticas em relação à obtenção de resultados esportivos em idades precoces esse parece ser uma característica no cenário brasileiro do basquetebol, principalmente no basquetebol feminino.

O estudo de Dias (2015), que entrevistou atletas brasileiros talentosos que abandonaram o esporte, destaca que os indivíduos possuem um prazo definido para alcançar um nível de destaque para que proporcione alguma segurança em relação ao seu futuro no esporte. Não obstante, esse limite de tempo estabelecido no contexto brasileiro parece não ser compatível com a PDLP, visto que a idade em que o jovem necessita decidir entre continuar ou interromper sua carreira devido aos estudos, geralmente não respeita o processo de desenvolvimento do indivíduo. Esse fato influencia a busca por resultados esportivos precoces (conquistas de torneios, remuneração, convocações para as seleções) e estimulam a continuidade dos atletas que possuem essas conquistas prematuramente. Por outro lado, ainda favorece a evasão daqueles que não obtém os resultados em uma etapa inicial.

Podemos ainda estabelecer uma relação entre a trajetória esportiva e alguns aspectos sociais na estrutura de formação esportiva no basquetebol masculino e feminino no Brasil. Considerando que os indivíduos que são associados dos clubes são os mesmos que possuem condições sociais de frequentar escolas particulares, portanto possuem acesso à educação de melhor qualidade. Temos, assim, de um lado crianças que iniciam cedo à prática da modalidade, corroborando com os indicativos que a literatura sugere, mas que em determinado momento necessitam optar entre a dedicação aos estudos e a continuidade no esporte (e certamente os resultados esportivos influenciarão essa escolha). Mas, por outro lado, há aqueles atletas com perfil antropométrico mais adequado (atletas selecionados para compor as equipes na competição oficial), mas que não participaram da iniciação esportiva ou a iniciaram tardiamente, fatores que conduzem a enormes dificuldades no desenvolvimento esportivo. Esse cenário não parece ser adequado para o desenvolvimento esportivo no contexto brasileiro.

O cenário do basquetebol feminino é ainda mais complicado, pois os clubes socioesportivos geralmente não ofertam a modalidade. A oportunidade dessas atletas surgiu nos poucos projetos sociais em instituições públicas que promovem seu desenvolvimento na modalidade. Esse fato parece determinar a pequena quantidade de praticantes e de equipes disputando competições oficiais no Brasil.

Esses problemas estruturais também podem ser evidenciados através das características das atletas na presente pesquisa, que iniciaram tardiamente sem uma diversificação esportiva, competiram e conquistaram resultados precocemente. Baker, Cobley, Fraser-Thomas (2009) já alertavam para a necessidade de investigar essa variável complexa com maior profundidade, considerando as interações entre o ambiente social e físico e suas interferências no desenvolvimento dos atletas.

Outros Aspectos da Trajetória Esportiva dos Atletas de Basquetebol

Percebemos na discussão do tópico anterior que o contexto social influencia a trajetória esportiva e os resultados esportivos (conquistas em campeonatos, remuneração e convocações para seleções estaduais e nacionais) precoces sugerem uma perspectiva de sucesso, que estimula a continuidade do atleta, muitas vezes abdicando da sua formação educacional.

Diferentemente de outros países em que a escola, o estudo e o esporte caminham de maneira simultânea ou, ainda, o desempenho esportivo é um aspecto importante para ingresso nas instituições educacionais de ensino superior. No Brasil o jovem necessita optar entre continuar os estudos, ingressar em uma universidade de boa qualidade e conseguir uma formação profissional ou continuar praticando (treinando) a modalidade esportiva escolhida para se tornar um atleta profissional. Essa decisão ocorre num limite de tempo restrito e estabelecido no contexto brasileiro, parece não ser compatível com a PDLP.

Observamos nos resultados que 90% dos atletas de basquetebol masculino e 99% das atletas femininas brasileiros concluíram o ensino médio e 13,6% e 11%, respectivamente, concluíram o ensino superior. Pesquisas realizadas pelo IBGE demonstraram que, em 2016, 11,2% da população brasileira de 25 anos ou mais não possuía instrução, 30,6% possuía o ensino fundamental incompleto, 9,1% completou o ensino fundamental, 3,9% possuía o ensino médio incompleto, 26,3% conseguiram completar o ensino médio e 15,3% completaram o ensino superior (INSTITUTO, 2016).

Os atletas indicaram como principal motivo para o abandono a dificuldade de conciliar os estudos, e quando comparamos os dados obtidos nessa pesquisa com a média da população brasileira, percebemos que os atletas de basquetebol possuem um percentual mais elevado de escolaridade, exceto no ensino superior. Portanto, parece que na trajetória esportiva dos atletas de alto rendimento foi possível concluir o ensino médio, mas de fato, os dados demonstram que os participantes necessitaram abdicar da sua formação profissional, através da educação formal (ensino superior), em busca de se tornarem atletas de alto rendimento, caracterizando o distanciamento entre as duas opções (esporte – escola).

Os atletas indicaram como principal motivo para o abandono a dificuldade de conciliar os estudos. Quando comparamos os dados obtidos nessa pesquisa com a média da população brasileira, percebemos que os atletas de basquetebol possuem um percentual mais elevado de escolaridade, exceto no ensino superior. Portanto, parece que na trajetória esportiva os atletas de alto rendimento conseguiram concluir o ensino médio, mas de fato, os dados demonstram que os participantes necessitaram abdicar da sua formação profissional, através da educação formal de ensino superior, decidindo se tornarem atletas de alto rendimento. Diante dessa constatação, percebe-se um descasamento entre as opções esporte e escola, cenário indesejável numa estrutura esportiva que busca potencializar a formação de atletas de alto rendimento.

Os resultados também demonstram que alguns atletas frequentaram escolas públicas (37%* no masculino e 25% no feminino) e a grande parte, em ambos os gêneros (50%), estudaram durante algum período em escola particular (ou todo o período), devido à bolsa de estudos obtida por integrarem a equipe de competição. Apenas 9% no masculino e 25% no feminino estudaram somente em escola particular sem bolsa.

Côté *et al.* (2006), Mac-Donald *et al.* (2009), Turnnidge, Hancock, Côté (2012) e Imtiaz *et al* (2014) destacaram em seus estudos a influência da cidade de nascimento na trajetória esportiva e concluíram que as cidades ou regiões menores (50.000 a 100.000 habitantes) desenvolvem mais atletas que atingem competições de elite e estimulam o maior envolvimento de jovens no esporte de participação. Esse fato é justificado principalmente pela possibilidade de realização de mais atividades relacionadas ao jogo deliberado e à maior participação das famílias, escolas e comunidades possibilitando estreitar os laços sociais e afetivos. No Brasil, Cunha *et al* apontam a cidade de Franca no interior do estado de São Paulo (347.237 habitantes¹¹) como uma das principais formadoras de atletas masculino de basquetebol.

Por outro lado, os atletas formados nos grandes centros de treinamento nas grandes cidades podem experimentar um ambiente de comparação social (e esportiva), estimulando a autopercepção (MARSH, 1987) e a busca por melhor desempenho no esporte. De acordo com Côté, Turnnidge e Evans (2014), os atletas atingem padrões extremamente elevados em uma idade jovem diante da necessidade de alcançar o nível dos demais companheiros.

A maioria dos atletas mudou de cidade (no mínimo uma vez) antes de completar 18 anos para competir no basquetebol (64% masculino e 72% feminino) e somente minoria continuou jogando em equipes de suas cidades (22% e 21%, respectivamente). O motivo

¹¹ Dados obtidos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/>

principal da mudança de cidade apontado foi que a equipe oferecia melhor estrutura (49%* e 36%), mas as atletas femininas também apontaram como motivo principal a remuneração obtida para jogar na outra equipe (36%). Fatos que reforçam a influência da conquista de resultados em idades precoces para a continuidade no esporte no cenário brasileiro, em especial no basquetebol feminino.

Relacionando os resultados de Cunha *et al.* (2017) com aqueles obtidos nessa pesquisa retrospectiva inferimos que os atletas masculinos pertencentes entre sub12 e sub15 deslocam-se para cidades menores, sobretudo para as que possuem um ambiente social positivo (como a cidade de Franca) e tradição na formação esportiva de basquetebol. A partir do sub16, os atletas se deslocam principalmente para os grandes centros, como Esporte Clube Pinheiros - São Paulo, Minas Tênis Clube - Belo Horizonte, que oferecem melhor estrutura e mais recursos para os atletas desenvolverem na modalidade.

Beneli (2007) elaborou seu estudo sobre o processo de apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base do basquete masculino demonstrando que as equipes da capital apresentaram uma quantidade mais elevada de títulos em torneios estaduais (organizados pela Federação Paulista de Basquetebol - FPB) quando comparadas com as equipes do interior. Isso evidencia o deslocamento dos atletas de maior qualidade para equipes da capital, por possuírem melhor estrutura e provimento de remuneração. Esse fato impacta na organização esportiva brasileira, na medida em que dificulta a manutenção de equipes menores em clubes do interior, influenciando na quantidade de praticantes, na qualidade do ambiente, no nível de competição, na forma de preparação dos atletas, entre outros.

Paes (1989), em seu estudo analisando os motivos que levaram os atletas a iniciarem a competição no basquetebol antes dos 12 anos de idade, justifica a continuidade devido à existência de parentes inseridos no esporte e que influenciaram suas trajetórias esportivas. Os resultados da presente pesquisa demonstram que os atletas masculinos e as atletas femininas não possuíam parentes que participavam do esporte profissional (63%* e 61%*). Entretanto, quando analisamos somente os atletas que começaram a competição com até 12 anos, o percentual daqueles que não possuem parentes no esporte diminuiu para 50% em ambos os gêneros, o que sugere uma relação entre o início precoce na competição e a existência de parentes que atuam no esporte profissionalmente. Acreditamos que os parentes que participaram do esporte profissionalmente, por possuírem uma experiência, podem auxiliar as crianças e os jovens a superar transições e dificuldades que surgem durante a trajetória esportiva, sobretudo, na competição esportiva. Wuerth, Lee e Alfermann (2004) já apontavam que os pais são os

principais agentes de socialização e influenciam as experiências esportivas iniciais e as atitudes e o comportamento dentro do esporte.

Corroborando com as premissas do PAF, o apoio da família foi um aspecto característico e esse fator parece ser determinante para a continuidade do desenvolvimento esportivo das atletas durante sua trajetória (CÔTÉ, 1999; FERREIRA; MORAIS, 2012; FOLLE *et al.*, 2016). Os resultados apontam que o grau total de apoio (TA) foi a resposta mais escolhida para os atletas masculinos e as atletas femininas nos quatro itens analisados: financeiro, incentivo em continuar treinando, situações difíceis na durante a carreira e presença nos jogos e treinos. O item incentivo em continuar treinando apresentou maior valor percentual de atletas que escolheram a opção TA (70%* no masculino e 93%* no feminino), seguido pelo item situações difíceis na carreira (69%* e 89%*, respectivamente), ainda revelaram TA para apoio financeiro (41%* e 54%*) e a presença nos jogos e treinos foi o que apresentou menor percentual de TA (36%* e 57%*).

Contribuições e Limitações do estudo

Os estudos no Brasil sobre a formação esportiva necessitam avançar e a utilização de modelos teóricos de desenvolvimento permite realizar análises atreladas ao contexto específico brasileiro de forma mais profunda. Tais avanços podem revelar as reais necessidades e direcionar ações que possam contribuir para aumentar e melhorar as condições para a prática de participação e/ou de rendimento.

A identificação das características dos atletas de basquetebol pode auxiliar na organização e na formação esportiva no Brasil, pois possibilita a análise dos elementos que fizeram parte da trajetória esportiva desses indivíduos que alcançaram o alto rendimento. A análise trazida pela tese derivou da aproximação do conhecimento científico trazido pelo modelo teórico de desenvolvimento esportivo com o conhecimento empírico através da pesquisa realizada com os atletas brasileiros de basquetebol de alto rendimento. Essa associação entre o campo acadêmico e a dinâmica do campo prático permite estabelecer reflexões teóricas e elaborar parâmetros e fundamentações que possam de fato contribuir no desenvolvimento esportivo no Brasil.

Nesse sentido, esse estudo serve como referencial para comparação e análises futuras, na medida em que apresentam informações sobre o início da trajetória esportiva, dados referentes aos resultados obtidos por esses atletas, além de outros aspectos que possibilitam compreender a trajetória esportiva desses indivíduos.

Ressaltamos ainda que os modelos de desenvolvimento esportivo, e principalmente os resultados advindos das pesquisas realizadas, trazem informações científicas a respeito de indivíduos inseridos em países desenvolvidos, ou seja, em um cenário social diferente dos países emergentes, como o Brasil, e subdesenvolvidos, em que o contexto certamente influencia a prática e a trajetória esportiva dos atletas.

Destacamos também como contribuição científica para a área das Ciências do Esporte a metodologia utilizada e o instrumento construído e validado para esse estudo que pode subsidiar outras pesquisas que busquem informações retrospectiva com objetivo de compreender as relações estabelecidas durante a trajetória esportiva de atletas em diversas modalidades.

Um grande desafio no contexto brasileiro é estimular a prática esportiva em idades menores, ampliar o acesso e melhorar as condições estruturais para a prática da modalidade. Acreditamos na prática esportiva durante a etapa de iniciação, na diversificação de experiências, na utilização de metodologias adequadas com ênfase no jogo para o ensino das ações das diferentes modalidades e no desenvolvimento multilateral da criança.

A Educação Física Escolar poderia ser um espaço de aprendizagem e ensino das modalidades, possibilitando a iniciação esportiva de crianças, porém a pobreza de experiências motoras e esportiva já foi relatada em diversos estudos. Em relação à competição escolar, os dados do estudo de Carone (2010) já demonstravam que a quantidade de participantes é ínfima e a competição não possui nenhuma sistematização para o desenvolvimento esportivo. Considerar a Educação Física no Brasil como um ambiente de diversificação, sobretudo, devido à competição esportiva, parece um equívoco metodológico, por isso novas pesquisas necessitam utilizar estratégias que de fato tragam elementos mais concretos para essa análise. Nos últimos anos algumas escolas particulares introduziram programas extracurriculares para prática esportiva, entretanto, assim como os clubes socioesportivos, restringem-se aos seus estudantes.

No contexto brasileiro, os atletas necessitam obter resultados esportivos em idades precoces, pois esse aspecto pode determinar suas escolhas em relação à continuidade no esporte. O distanciamento entre o esporte de alto rendimento e a educação formal (escola) promove grande insegurança durante a trajetória esportiva inicial e, possivelmente, atletas talentosos abandonam o esporte por conta desse aspecto, direcionando seus esforços para os estudos, buscando formação e qualificação profissional através do ingresso em universidades.

Como limitação do estudo, apontamos a dificuldade para buscar informações sobre o esporte de alto rendimento no Brasil. Muitos profissionais (treinadores, preparadores físicos e atletas) foram bastante solícitos e auxiliaram na realização do presente estudo, mas destacamos que as entidades de administração esportiva ligadas ao basquetebol não possuem bancos de

dados com informações sobre a trajetória esportiva dos atletas, o que poderia contribuir com análises, comparações e tomadas de decisão sobre os rumos e direcionamentos da formação dos atletas no Brasil.

Apresentamos ainda como limitação do presente estudo, o fato de não ter analisado outras atividades realizadas pelos atletas durante a etapa de iniciação, como brincadeiras, jogos informais, atividades lúdicas, entre outras, que podem influenciar na trajetória e formação esportiva dos atletas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por elaborar esse estudo partiu de certos questionamentos sobre a formação esportiva no basquetebol brasileiro. O referencial teórico nessa pesquisa retrospectiva baseou-se em estudos mais recentes que utilizaram modelos teóricos de desenvolvimento esportivo em outros países, que permitem analisar a trajetória esportiva dos atletas, considerando as definições e os princípios estabelecidos para o desenvolvimento desses indivíduos.

Os resultados significativos apresentados demonstram que os atletas masculinos de basquetebol se desenvolveram no estado de São Paulo, iniciaram a prática tardiamente ($11,45 \pm 2,89$) e praticaram outra modalidade coletiva além do basquetebol, iniciaram a competição em idades estabelecidas pela literatura ($12,5 \pm 2,52$) e o local foi o clube e os atletas não eram associados. Realizavam 3 sessões de treinamentos por semana, durante 90 minutos, por 10 meses no ano, competiram em outra modalidade, se especializaram em uma posição do jogo e apontaram o estudo como motivo do abandono do basquetebol pelos companheiros de equipe. Conquistaram seu primeiro torneio aos $14 \pm 2,24$ anos, e começaram a receber remuneração aos $16 \pm 1,19$, a maior parte dos atletas pesquisados foram convocados para seleção estadual nas categorias de base e pouco menos da metade foram convocados para seleção brasileira de base. Além disso, os atletas possuem ensino superior incompleto, estudaram em escola pública, mudaram de cidade pelo menos uma vez, e o motivo foi justificado pela melhor estrutura oferecida pela equipe, não possuem parentes no esporte e obtiveram total apoio familiar nos aspectos financeiro, incentivo em continuar treinando, durante situações difíceis na carreira e a presença dos familiares nos jogos e treinos.

Já as atletas femininas de basquetebol também se desenvolveram no estado de São Paulo, iniciaram a prática tardiamente ($10,79 \pm 2,78$) em instituições públicas, começaram a competir precocemente ($11,64 \pm 2,34$) e realizavam 3 sessões de treinamentos por semana, durante 90 minutos, competiram somente no basquetebol, se especializaram em uma posição do jogo e apontaram o estudo como principal motivo do abandono do basquetebol pelos companheiros de equipe. Conquistaram seu primeiro torneio aos $13,5 \pm 1,9$ anos, e começaram a receber remuneração aos $15,8 \pm 1,42$, e a maioria das atletas pesquisadas foi convocada para seleção estadual e brasileira nas categorias de base. As atletas possuem ensino superior incompleto, não possuem parentes no esporte e obtiveram total apoio familiar nos aspectos financeiro, incentivo em continuar treinando, durante situações difíceis na carreira e a presença dos familiares nos jogos e treinos.

Existe a necessidade de novos estudos que busquem compreender a trajetória esportiva dos atletas no Brasil, a partir da utilização de modelos teóricos de desenvolvimento, nas diferentes modalidades, pois o tema não se esgota. Mas pelos dados encontrados, existe uma semelhança com outras modalidades (voleibol) e, portanto, parece existir uma estrutura de organização esportiva no Brasil comum que dificulta o acesso à iniciação esportiva. Além disso, características sociais e a insegurança esportiva no contexto brasileiro influenciam a busca por resultados precoces e a necessidade de optar entre a continuidade no esporte e o abandono, principalmente, devido aos estudos e a formação profissional, que não caminham juntos, pelo contrário, são excludentes, e essas características interferem na trajetória esportiva para o esporte de rendimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. A HISTÓRIA DO NBB. Liga Nacional de Basquete, 2012. Disponível em <http://lnb.com.br/videos/a-historia-do-nbb/>.
2. ABERNETHY, B.; BAKER, J.; CÔTÊ, J. Transfer of Pattern Recall Skills May Contribute to the Development of Sport Expertise. **Applied Cognitive Psychology**, v19, p.705–718, 2005.
3. ABBOT, A.; COLLINS, D. Eliminating the dichotomy between theory and practice in talent identification and development: considering the role of psychology. **Journal of Sports Sciences**, v22, n5, p.395-408, 2004.
4. ALFERMANN, D.; STAMBULOVA, N. Career transitions and career termination. In G. TENENBAUM, G.; EKLUND, R. (Eds.), **Handbook of Sport Psychology**. New York: John Wiley, p.712-733, 2007
5. ALEIXO, I. M. S.; MESQUITA, I. Impacto de diferentes estratégias de ensino no desenvolvimento do conhecimento declarativo. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. v38, n4, p.349-357, 2016.
6. ATO, M.; LÓPEZ, J.; BENAVENTE, A. Un sistema de clasificación de los diseños de investigación en psicología. *Anales de Psicología*, v29, n3, p.1038-1059, 2013.
7. BAILEY, R. P.; MORLEY, D. Towards a model of talent development in physical education. **Sport, Education and Society**, v11, n3, p.211-230, 2006.
8. BAKER, J. Early specialization in youth sport: a requirement of adult expertise? **High ability studies**, n14, v1, p.85-94, 2003
9. BAKER, J.; COBLEY, S.; THOMAS-FRASER, J. What do we know about early sport specialization? Not much! **European Council for High Ability**. v20, n1, p.77-89, 2009.
10. BAKER, J.; CÔTÊ, J.; ABERNETHY, B. Sport-specific practice and the development of expert decision-making in team ball sports. **Journal of Applied Sport Psychology**. v15, p.12 – 25, 2003.
11. BAKER, J.; CÔTÊ, J.; DEAKIN, J. Patterns of early involvement in expert and non expertmasters triathletes. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, Illinois, v77, n3, p.401-407, 2006.
12. BAKER, J.; HORTON, S. A review of primary and secondary influences on sport expertise. **High Ability Studies**, v15, n2, 2004.
13. BALYI, I. Elite athlete preparation: the training to compete and training to win stages of long-term athlete's development. In: **Sport Leadership**. Montreal. Coach Association of Canada, 2002.
14. BARREIRA, D.; GARGANTA, J.; PRUDENTE, J.; ANGUERA, M. T. Desenvolvimento e validação de um sistema de observação aplicado à fase ofensiva em Futebol: SoccerEye. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**, n3, p.32-57, 2012.
15. BARREIROS, A., CÔTÊ, J., FONSECA, A M. Sobre o desenvolvimento do talento no desporto: um contributo dos modelos teóricos do desenvolvimento desportivo. **Revista de Psicologia del Deporte**. v22, n2, p.489-494, 2013.
16. BARYNINA, I. I., VAITSEKHOVSKII, S. M. The aftermath of early sports specialization for highly qualified swimmers. **Fitness and Sports Review International**, n27, p.132-133, 1992.
17. BASS, B. M., RIGGIO, R. E. **Transformational leadership** (2nd ed.). New York, NY: Psychology Press, 2006.
18. BENELI, L. M. **Basquetebol masculino paulista: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base**. 2007, Dissertação (Mestrado), 158p. Campinas: Unicamp, São Paulo, 2007.

19. BENELI, L. M.; GALATTI, L. R.; MONTAGNER, P. C. Analysis of social-sportive characteristics of Brazil women's national basketball team players. **Revista de Psicologia del Deporte**, v26, suppl1, p.133-137, 2017.
20. BECKER, A. Quality coaching behaviors. In P. POTRAC, W. GILBERT, J. DENISION (Eds.), **Routledge handbook of sports coaching**. New York, NY: Routledge, p.184-195, 2013.
21. BLOOM, B. S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine, 1985.
22. BOHNERT, A., FREDRICKS, J., RANDALL, E. Capturing unique dimensions of youth organized activity involvement theoretical and methodological considerations. **Review of Educational Research**, v80, p.576-610, 2010.
23. BOJIKIAN, J. C. M., SILVA, A. V. O., PIRES, L. C., LIMA, D. A. E BOJIKIAN, L. P. Talento esportivo no voleibol feminino do Brasil: maturação e iniciação esportiva. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v6, n3, 2007.
24. BOMPA, T. O. **Treinamento Total para Jovens Campeões**. São Paulo: Manole, 2002.
25. BOMPA, T. O. **Periodização: teoria e metodologia do treinamento**. 5ª ed. Editora Phorte, São Paulo 2012.
26. BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development: experiments by nature and design**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.
27. BRUNER, M. W.; ERICKSON, K.; BRIAN W.; CÔTÉ J. An appraisal of athlete development models through citation network analysis. **Psychology of Sport and Exercise**, Amsterdam, v11, n2, p.133-139, 2010.
28. BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. A. **Estatística Básica**. 5ª Ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
29. CAFRUNI, C.; MARQUES, A.; GAYA, A. Análise da carreira desportiva de atletas das regiões sul e sudeste do Brasil. Estudo dos resultados desportivos nas etapas de formação. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**, v6, n1, 2006.
30. CARLSON, R. The socialization of elite tennis players in Sweden: an analysis of the players' backgrounds and development. **Sociology of Sport Journal**. n5, p.241-256, 1988.
31. CARONE SOARES, F. **Realidade da olimpíada colegial do estado de São Paulo (OCESP) em relação ao discurso presente na educação física acerca da competição escolar: estudo da região leste de Campinas**. 2010. Dissertação (Mestrado), 202f. Campinas: Unicamp, São Paulo, 2010.
32. COELHO, O. Pode a passada ser maior que a perna? In: GARGANTA, Julio. **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, 2000, p.145-154.
33. COATSWORTH, J. D., CONROY, D. E. The effects of autonomy-supportive coaching, need satisfaction, and self-perceptions on initiative and identity in youth swimmers. **Developmental Psychology**, n45, p.320-328, 2009.
34. CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, Champaign, v13, p.395-417, 1999.
35. CÔTÉ, J., ERICKSON, K., ABERNETHY, B. Practice and play in sport development. In J. CÔTÉ, J.; LIDOR, R. (Eds.), **Conditions of children's talent development in sport** Morgantown, WV: Fitness Information Technology, 2013, p.9-20.
36. CÔTÉ, J., HAY J. Children's involvement in sport: a developmental perspective. In: SILVA, J. M., STEVENS, D. **Psychological foundation of sports**. 2ª ed. Boston, MA: Merrill, p.484-502, 2002.
37. CÔTÉ, J., HORTON, S., MACDONALD, D.J., WILKES, S. The benefits of sampling sports during childhood. **The Physical and Health Education Journal**, v74, 6-11, 2009.
38. CÔTÉ, J., ERICKSON, K. Diversification and deliberate play during the sampling years. In: BAKER, J.; FARROW, D. (Eds.), **The Routledge Handbook of Sport Expertise**. New York: Routledge, p.305-316, 2015.

39. CÔTÉ, J.; ERICSSON, A.; LAW, M. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: a proposed interview and validation procedure for reported information. **Journal of Applied Sport Psychology**, Philadelphia, v17, n1, p.1-9, 2005
40. CÔTÉ, J., MACDONALD, D. J., BAKER, J., ABERNETHY, B. When “where” is more important than “when”: Birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. **Journal of Sports Sciences**, v24, n10, p.1065-1073, 2006.
41. CÔTÉ, J.; TURNNIDGE, J.; EVANS, M. B. The dynamic process of development through sport. **Kinesiologia Slovenica**, v20, n3, p.14–26, 2014.
42. CÔTÉ, J. E VIERIMAA, M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. **Science & Sports**, v.29, S63-S69, 2014.
43. CSIKSZENTMIHALYI, M., RATHUNDE, K., WHALEN, S. **Talented teenagers - the roots of success and failure**. New York: Cambridge University Press, 1993.
44. CUNHA, L. D.; FRAIHA, A. L.; DARIDO, S. C.; PÉREZ, B. L.; GALATTI, L. R. Trajetória de los jugadores de baloncesto del nuevo baloncesto Brasil. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v17, n3, p.119-128, 2017.
45. DARIDO, S. C.; FARINHA. Especialização Precoce na Natação e seus efeitos na Idade Adulta. **Motriz**, Rio Claro, v1, n1, p.59-70, 1995.
46. DAVIDS, K. (2000). Skill acquisition and the theory of deliberate practice: it ain't what you do it's the way that you do it! **International Journal of Sport Psychology**, 31, 461-466.
47. DAVIDS, K., BAKER, J. Genes, environment and sport performance. Why the nature-nurture dualism is no longer relevant. **Sports Medicine**, n37, p.961-980, 2007.
48. DIAS, R., M. A Questão do Abandono da Carreira Esportiva por Sujeitos Considerados Talentosos: Um Estudo Retrospectivo em Pedagogia do Esporte. 2015. Dissertação (Mestrado). Piracicaba: Unimep, São Paulo, 2015.
49. DURAND-BUSH, N., SALMELA, J. The development of talent in sport. In R. N. SINGER, H. A. HAUSENBLAS, C. M. JANELLE (Eds.), **Handbook of Sport Psychology**. New York: John Wiley. P.269-289, 2001.
50. DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. H. The development and maintenance of expert athletic performance: perceptions of world and olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, Cardiff, n14, p.154-171, 2002.
51. ERICKSON, K., CÔTÉ, J., HOLLENSTEIN, T., DEAKIN, J. Examining coach-athlete interactions using state space grids: An observational analysis in competitive youth sport. **Psychology of Sport & Exercise**, n12, p.645-654, 2011.
52. ERICSSON, K.A., LEHMANN, A.C. Expert and exceptional performance: evidence of maximal adaptation to task constraints. *Annual Review of Psychology*. n47, p.273, 1996.
53. ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R. T.; TESCH-ROMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, v100, n3, p.363-406, 1993.
54. ERICSSON, K. A., RORING, R. W., NANDAGOPAL, K. Misunderstandings, agreements, and disagreements: Toward a cumulative science of reproducibly superior aspects of giftedness. **High Ability Studies**, n18, p.97-115, 2007.
55. ERICSSON KA, WHYTE J, WARD P. Expert performance in nursing: Reviewing research on expertise in nursing within the framework of the expert-performance approach. **Advances in Nursing Science**, n30, p.E58–E71, 2007.
56. FELICISSIMO, C. T. Parâmetros norteadores da detecção e seleção de talentos no voleibol feminino no Estado de São Paulo. 2015. Dissertação (Mestrado). Campinas: Unicamp, São Paulo, 2015.
57. FERREIRA, R. M. E MORAES, L. C. Influência da família na primeira fase de desenvolvimento da carreira de nadadores medalhistas olímpicos brasileiros. **Motricidade**, v.8, n.2, p.42-51, 2012.
58. FILIN, V.P. **Desporto juvenil: teoria e metodologia**. Londrina, Centro de Informações Desportivas, 1996.

59. FOLLE, A. **Processo de formação esportiva**: estudo em ambiente de sucesso no desenvolvimento de talentos do basquetebol feminino. 2014. Tese (Doutorado). Florianópolis: UFSC, Santa Catarina, 2014.
60. FOLLE, A., COLLET, C., SALLES, W. D. N. e NASCIMENTO, J. V. D. Transitions in the process of female basketball players' development. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v30, n2, p.477-490, 2016.
61. FRASER-THOMAS, J., CÔTÉ, J. Understanding adolescents' positive and negative developmental experiences in sport. **The Sport Psychologist**, n23, p.3-23, 2009.
62. FRASER-THOMAS, J., CÔTÉ, J., DEAKIN, J. Youth sport programs: An avenue to foster positive youth development. **Physical Education and Sport Pedagogy**, n10, p.19-40, 2005.
63. FREDRICKS, J. A., ECCLES, J. S. Parental influences on youth involvement in sports. In WEISS, M. R. (Ed.), **Developmental sport and exercise psychology**: A lifespan perspective. Morgantown, WV: Fitness Information Technology, p.145-164, 2004.
64. GAGNÉ, F. (2004). Transforming gifts into talents: The DMGT as a developmental theory. **High Ability Studies**, v15, p.119-147.
65. GALATTI, L. R., PAES, R. R., MACHADO, G. V., GONÇALVES, C. B., MONTERO, A. S. Determinantes de excelência no basquetebol feminino: as conquistas da seleção Brasileira na perspectiva das atletas. **Revista da Educação Física/UEM**, v26, n4, p.621-632, 2015.
66. GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.
67. GOMES, A. C. **Treinamento Desportivo**: Estruturação e periodização. Porto Alegre, Artmed, 2009.
68. GULLICH, A., EMRICH, E. Evaluation of the support of young athletes in the elite sports system. **European Journal of Sport Society**, v3, p.85-108, 2006.
69. HELSEN, W. F., STARKES, J.L., HODGES, N. J. Team sports and the theory of deliberate practice. **Journal Sport Exercise Psychology**, v20, p.12-34, 1998.
70. HENRIKSEN, K., STAMBULOVA, N., ROESSLER, K. K. Holistic approach to athletic talent development environments: A successful sailing milieu. **Psychology of Sport and Exercise**, n11, p.212-222, 2010.
71. HODGE, T., DEAKIN, J. Deliberate practice and expertise in the martial arts: The role of context in motor recall. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, n20, p.260-279, 1998.
72. HODGES, N. J., STARKES, J. L. Wrestling with the nature of expertise: a sport specific test of Ericsson, Krampe, and Tesh-Romer's (1993) theory of "deliberate practice." **Int J Sport Psychol**. n27, p.400-424, 1996.
73. HODGES, N. J., HUYS, R. STARKES, J. L. Methodological review and evaluation of research in expert performance in sport. In: Eklund RC, Tenenbaum G, eds **Handbook of sport psychology**. New Jersey: John Wiley & Sons, p.161-183, 2007.
74. HOHMANN, A.; SEIDEL, I. Aspects of talent development. **International Journal of Physical Education**, Washington, D.C., v40, n1, p.9-20, 2003.
75. HORN, T. S. Coaching effectiveness in the sport domain. In T. S. Horn (Ed.), **Advances in sportpsychology** . 3rd ed. Champaign, IL: Human Kinetics, p.239-268, 2008.
76. HORNIG, M., AUST, F., GÜLLICH, A. Practice and play in the development of German top level professional football players. **European Journal of Sport Science**, Advance Online Publication, 2014.
77. HOWE, M. J., DAVIDSON, J. W., SLOBODA, J. A. Innate talents: myth or reality? **Behavioral and Brain Science**, n21, p.339-407, 1998.
78. HUME, P. A., HOPKINS, W. G., ROBINSON, D. M., ROBINSON, S. M., HOLLINGS, S. C. Predictors of attainment in rhythmic sportive gymnastics. **Journal of Sports Medicine and Physical Fitness**, v33, n4, p.367-377, 1994.
79. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua PNAD Contínua**. Disponível em:

- <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/educacao/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: mai.2018.
80. IMTIAZ, F., HANCOCK, D. J., VIERIMAA, M., CÔTÉ, J. Place of development and dropout in youth ice hockey. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, n12, p.234-244, 2014.
 81. JAYANTHI N, PINKHAM C, DUGAS L, PATRICK B, LABELLA C. Sports specialization in young athletes: evidence-based recommendations. **Sports Health**, v5, p.251-257, 2013.
 82. KEEGAN, R., HARWOOD, C., SPRAY, C., LAVALLEE, D. A qualitative investigation exploring the motivational climate in early career sports participants: Coach, parent and peer influences on sport motivation. **Psychology of Sport and Exercise**, n10, p.361-372, 2009.
 83. LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7^a ed. São Paulo: Atlas, 2016.
 84. LAUNDER, A. G. **Play practice: The games approach to teaching and coaching sports**. Champaign, IL: Human Kinetics, 2001.
 85. LAW, M., CÔTÉ, J., ERICSSON, K.A. Characteristics of expert development in rhythmic gymnastics: a retrospective study. **International Journal and Exercise Sport Psychology**, v5, p.82-103, 2007.
 86. LEHMANN, A.C., ERICSSON, K.A. Preparation of a public piano performance: the relation between practice and performance. **Musicae Scientiae**, n2, p.67-94, 1998.
 87. LEITE, N. **Treino Desportivo em Basquetebol – Caracterização do processo de preparação desportiva a longo prazo em Portugal**. Vila Real. Dissertação de Doutoramento apresentado a Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, 2008.
 88. LEITE, N. M. C., BAKER J. Y SAMPAIO, J. E. Paths to expertise in Portuguese national team athletes. **Journal of Sports Science and Medicine**, Bursa, n8, p.560-566, 2009.
 89. LEITE, N. M. C., SAMPAIO, J. E. Long-Term Athletic Development Across Different Age Groups and Gender from Portuguese Basketball Players. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v7, n2, 2012.
 90. LERNER, R. M. **Concepts and theories of human development** (3rd Ed.). Mahwah, NJ: Erlbaum, 2002.
 91. LIDOR, R., CÔTÉ, J., HACKFORT, D. ISSP position stand: to test or not to test? The use of physical skill tests in talent detection and in early phases of sport development. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, n7, p.131-146, 2009.
 92. LIDOR. R, LAVYAN, Z. A retrospective picture of early sport experiences among elite and near-elite Israeli athletes: developmental and psychological perspectives. **International Journal of Sport Psychology**, n33, p.269-289, 2002.
 93. LIMA, T. **A formação desportiva de jovens**. Horizonte, n25, p.21-26, 1988.
 94. MACDONALD, D. J., CHEUNG, M., CÔTÉ, J., ABERNETHY, B. Place but not date of birth influences the development and emergence of athletic talent in American football. **Journal of Applied Sport Psychology**, v21, p.80-90, 2009.
 95. MARQUES, A. T. A periodização do treino em crianças e jovens. Resultado de um estudo nos centros experimentais do treino na Faculdade de Ciência do Desporto e da Educação Física da Universidade do Porto. In: BENTO, J.; Marques, A. **A ciência do desporto, a cultura e o homem**. Faculdade de Ciência do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, p. 243-258, 1993.
 96. MARQUES, A. T.; OLIVEIRA, J. M. O treino dos jovens desportistas. Actualização de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v1, n1, p.130–137, 2001.
 97. MARQUES, R. F. R.; LIMA, C. P.; MORAES, C.; NUNOMURA, M.; SIMÕES, E. C. Formação de jogadores profissionais de voleibol: relações entre atletas de elite e a especialização precoce. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v28, n2, p.293-304, 2014.

98. MARQUES, M. P.; SAMULSKY, D. M. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira, **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v23, n2, p.103-19, 2009.
99. MARSH, H. W. The big-fish-little-pond effect on academic self-concept. **Journal of Educational Psychology**, v79, p.280-295, 1987.
100. MATVEEV, L. **Fundamentos do Treino Desportivo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.
101. MENEZES, R. P. MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M. Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão. **Movimento**, Porto Alegre, v20, n1, p.351-373, 2014.
102. MOESCH, K.; ELBE, A. M.; HAUGE, M. L.; WILKMAN, J. M. Late specialization: the key to success in centimeters, grams, or seconds (cgs) sports. **Scandinavian Journal Medicine and Science Sports**, v21, n6, p.282-290, 2011
103. MONTAGNER, P. C. **A formação do jovem atleta e a pedagogia da aprendizagem esportiva**. Campinas, 1999. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas.
104. MOREIRA, S. M. Pedagogia do Esporte e o Karatê-dô: considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce. Campinas, 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas.
105. NASCIMENTO, A. C. S. L. **Pedagogia do esporte e o atletismo**: considerações acerca da iniciação e da especialização esportiva precoce. Campinas, 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas.
106. OLIVEIRA, V.; PAES, R. R. **Ciência do Basquetebol: pedagogia e metodologia – da iniciação a especialização** 2.ed. Londrina; PR: Editora Sportraining, 2012.
107. PAES, R. R. **Aprendizagem e competição precoce**: o caso do basquetebol. 1989. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1989.
108. PLATONOV, V. **El entrenamiento deportivo, teoria, metodologia**. Barcelona, Ed. Paidotribo, 1999.
109. PRICE, M. S., WEISS, M. R. Peer leadership in sport: Relationships among personal characteristics, leader behaviors, and team outcomes. **Journal of Applied Sport Psychology**, v23, p.49-64, 2011.
110. REILLY, T.; WILLIAMS, A.M.; NEVILL, A.; FRANKS, A. A multidisciplinary approach to talent identification in soccer. **Journal of Sports Sciences**, v18, p.695-702, 2000.
111. REIS, C., P.; COSTA, V., T.; NOCE, F.; FERREIRA, M., C., C.; MORAES, L., C., C., A. A formação de atletas de basquetebol: quantificação do tempo de prática e do número de jogos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v29, n4, p.663-73, 2015.
112. RODRIGUEZ, G.; GIL, J.; GARCIA, E. **Métodos de Investigación Cualitativa**. Malaga: Aljibe, 1996.
113. SANTANA, W. C., RIBEIRO, D. A. Idades de início de atletas de futsal de alto rendimento na prática sistêmica e em competições federada da modalidade. **Pensar a Prática**, Goiânia, v13, n2, p1-17, 2010.
114. SCHIAVON, L. M. **Ginástica artística feminina e história oral**: a formação desportiva de ginastas brasileiras participantes de jogos olímpicos (1980-2004). Campinas, 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas.
115. SERRANO, J. M. P. R.; SANTOS, S. D. L.; SAMPAIO, A. J. E., LEITE, N. M. C. Iniciação desportiva, actividades prévias e especialização no treino de futsal em Portugal. **Motriz**, Rio Claro, v19, n1, p.99-113, 2013.
116. SMITH, R. E., SMOLL, F. L. Social-cognitive approach to coaching behaviors. In S. Jowett, D. Lavallee (Eds). **Social psychology in sport**. Champaign IL: Human Kinetics, P.75-90, 2007.

117. Simonton, D. K. (1999). Talent and its development: an epigenetic and emergenic model. **Psychological Review**, 106, 435-457.
118. SOBERLAK, P., CÔTÉ, J. The developmental activities of elite ice hockey players. **Journal Applied of Sport Psychology**, v15, p.41-49, 2003.
119. SOBRAL, Francisco. **O Adolescente Atleta**. Livros Horizonte, Lisboa, 1988.
120. STAMBULOVA, N. B. Developmental sports career investigations in Russia: a post-perestroika analysis. **The Sport Psychologist**, Champaign, v8, n3, p.221-237, 1994.
121. STAMBULOVA, N.; ALFERMANN, D.; STATLER, T.; CÔTÉ, J. ISSP position stand: Career development and transitions of athletes. **International journal of sport and exercise psychology**, v7, n4, p.395-412, 2009.
122. STARKES, J. L., DEAKIN, J. M., ALLARD, F., HODGES, N. J., HAYES, A. Deliberate practice in sports: What is it anyway? In K. A. Ericsson (Ed.), **The road to excellence: The acquisition of expert performance in the arts and sciences, sports and games**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, p.81-106, 1996.
123. STRACHAN, L., CÔTÉ, J., DEAKIN, J. A new view: Exploring positive youth development in elite sport contexts. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v3, p.9-32, 2011.
124. TURNNIDGE, J., HANCOCK, D. J., CÔTÉ, J. The influence of birth date and place of development on youth sport participation. **Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports**, v24, p.461-468, 2012.
125. ULLRICH-FRENCH, S., SMITH, A. L. Perceptions of relationships with parents and peers in youth sport: Independent and combined prediction of motivational outcomes. **Psychology of Sport & Exercise**, v7, p.193-214, 2006.
126. VELLA, S., OADES, L., CROWE, T. The relationship between coach leadership, the coach-athlete relationship, team success, and the positive developmental experiences of adolescent soccer players. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v18, p.549-561, 2013.
127. WALL, M., CÔTÉ, J. Developmental activities that lead to dropout and investment in sport. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v12, p.77-87, 2007.
128. WARD, P., HODGES, N., STARKES, J., WILLIAMS, A. M. The road to excellence: deliberate practice and the development of expertise. **High Ability Studies**, v18, p.119-153, 2007.
129. WEINECK, J. **Manual do treinamento esportivo**. 2ª ed. São Paulo, Manole, 1986.
130. WEINECK, J. **Treinamento Ideal**. São Paulo, Manole, 1999.
131. WEISS, P. A. The basic concept of hierarchic systems. In: WEISS P. A. (Ed.). **Hierarchically organized systems in theory and practice**. New York: Hafner, p.1-44, 1971.
132. WUERTH, S., LEE, M. J., ALFERMANN, D. Parental involvement and athletes' career in youth sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v5, p.21-33, 2004.
133. WYLLEMAN P.; ALFERMANN D.; LAVALLEE, D. Career transitions in sport: European perspectives, **Psychology of Sport and Exercise**, v.5, n.1, p.7-20, 2004.
134. ZACHARATOS, A., BARLING, J., KELLOWAY, E. K. Development and effects of transformational leadership in adolescents. **Leadership Quarterly**, v11, p.211-226, 2000.
135. ZAKHAROV, A. **Ciência do Treinamento desportivo**. Rio de Janeiro, Grupo Palestra Sport, 1992.

ANEXO 1 – Carta de Anuência para realização da pesquisa



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA



CARTA DE ANUÊNCIA PARA PESQUISA DE CAMPO

Eu, **Carlos Boaventura Correa Nunes**, RG 7008709251, responsável pela empresa Confederação Brasileira de Basketball – CNPJ 34.265.884/0001-28, venho pela presente declarar que aceito participar do trabalho de pesquisa do aluno Leandro de Melo Beneli, do programa de doutorado em Educação Física na área da Biodinâmica do Movimento e Esportes, sob título provisório *“Desafios da especialização esportiva para formação de atletas nas modalidades coletivas e suas relações teórico-práticas,”* orientado pela Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner, professor associada do Departamento de Ciências do Esporte da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Estou ciente que o objetivo da pesquisa é verificar fatores que determinam a formação de atletas no basquetebol feminino na etapa de especialização esportiva, e discutir com o que a literatura apresenta. Para isso, as atletas da seleção feminina das categorias sub-19 e adulta responderão um questionário semi-estruturado em busca de angariar informações sobre o perfil sócio-esportivo, e também será realizada entrevista semi-estruturada com os treinadores que atuam nas categorias iniciais do basquetebol feminino, com intuito de compreender a sua atuação na etapa de especialização esportiva.

Com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, a coleta de dados deste projeto é iniciada, atendendo todas as solicitações administrativas e éticas. Vale ressaltar que os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 196/96 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos.

Diante do exposto, deixo clara minha participação na pesquisa, envolvendo as atletas e os treinadores de basquetebol feminino, que coordeno.

De acordo,

Carlos Boaventura Correa Nunes – Presidente – CBB
RG 7008709251

Campinas, 15 de outubro de 2015.

ANEXO 2 - Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE

Questionário do Perfil Socioesportivo de atletas de Basquetebol

Prezado(a) Atleta, sou aluno de pós-graduação da Faculdade de Educação Física FEF/UNICAMP, estou desenvolvendo um estudo de doutorado sobre a formação dos atletas brasileiros no basquetebol que será mais detalhado a seguir. Gostaria de contar com sua valiosa colaboração ao participar da pesquisa. Desde já agradeço sua atenção e colaboração e me coloco à disposição para consulta a qualquer momento.

Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE

Titulo da Pesquisa: A relação e interação entre os principais fatores determinantes para formação de atletas brasileiros de basquetebol durante as etapas iniciais.

Pesquisador Responsável: Leandro de Melo Beneli

Número do CAAE: 50878115.5.0000.5404

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante e você receberá um via deste documento. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se você não quiser participar ou retirar sua autorização, a qualquer momento, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo.

Justificativa e objetivos:

Observa-se que a literatura aponta algumas discussões sobre a formação de atletas nas etapas iniciais como idade de início, participação em competições, treinamento direcionado para somente uma modalidade e aumento da intensidade e volume dos treinos. Outras questões como aspectos socioeconômicos, relação com a família, além do entendimento da atuação dos treinadores nas etapas iniciais necessitam ser investigado a partir um olhar mais amplo sobre o processo. O objetivo deste estudo é verificar a relação e interação entre os principais fatores determinantes para formação de atletas brasileiros de basquetebol durante as etapas iniciais, e discutir com a literatura.

Procedimentos:

Ao aceitar a participação neste estudo estou ciente de que responderei um questionário, com perguntas que verifiquem aspectos relacionados ao meu perfil socioesportivo, podendo contribuir para o desenvolvimento do presente trabalho. O questionário será preenchido pelo atleta, e espera-se a duração de 10 a 15 minutos para preenchimento do questionário.

Desconfortos e riscos:

Não há neste estudo oferecimento de risco previsível ou qualquer tipo de desconforto para o (a) participante. Você não deve participar deste estudo se possuir idade inferior a 18 anos.

Benefícios:

Os resultados da pesquisa podem trazer contribuições importantes aos treinadores e profissionais envolvidos com esporte, pois possibilitará maior compreensão sobre o processo de formação de atletas, sobretudo, nas etapas iniciais. Esses aspectos poderão beneficiar também os atletas participantes do processo de formação esportiva realizada pelos treinadores.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da pesquisa. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado, e os dados coletados serão utilizados apenas para fins científicos, não sendo divulgados para outras finalidades, segundo normas do Comitê de Ética da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Ressarcimento:

Nenhuma forma de reembolso de dinheiro será necessária, uma vez que a participação na pesquisa não envolve gasto algum por parte do sujeito. Os sujeitos participaram voluntariamente não havendo nenhuma forma de pagamento.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre o estudo, você poderá entrar em contato com os pesquisadores:
 Leandro de Melo Beneli: leandro.beneli@gmail.com – cel: (19) 98418-6666
 Paulo Cesar Montagner: cesar.montagner@fef.unicamp.br – cel: (19) 99604-5479
 Faculdade de Educação Física – FEF – Avenida Érico Veríssimo, 701, Cidade Universitária Zeferino Vaz, Barão Geraldo CEP 13.083-851, Campinas, SP, Brasil.

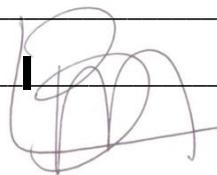
Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você pode entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNICAMP: Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126; CEP 13083-887 Campinas – SP; telefone (19) 3521-8936; fax (19) 3521-7187; e-mail: cep@fcm.unicamp.br

Estou ciente das informações contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Portanto, concordo com o que foi acima citado e dou o meu consentimento.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do pesquisador: _____



ANEXO C – Questionário do Perfil Socioesportivo de Atletas de Basquetebol

Esse questionário busca identificar o perfil socioesportivo dos atletas brasileiros para entender o processo de formação. Lembro que não haverá, em hipótese alguma, a identificação dos participantes. Peço por gentileza que leia atentamente as questões e preencha as alternativas com calma. Gostaria que se concentrasse nas atividades esportivas que praticou durante a sua carreira, desde o seu envolvimento mais antigo no esporte até hoje. As suas respostas são muito importantes para a pesquisa. Nas questões de múltipla escolha apenas uma alternativa.

Nome: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

1. Desde qual idade você pratica o basquetebol de maneira formal (com a presença do professor e/ou do treinador)?
_____ anos
2. Onde você iniciou essa prática formal do basquetebol?
 - a) Escola - Educação Física Escolar
 - b) Escolinha de Esportes Particular
 - c) Clube Particular - era associado(a)
 - d) Clube Particular - "não" era associado(a), mas participava das escolinhas
 - e) Instituições Públicas (Prefeitura, Projetos Sociais, ONGs, SESI, entre outros)
3. Em qual Estado do país você iniciou a prática formal do basquetebol?

4. Sem considerar o basquetebol, você praticou outra(s) modalidade(s) de maneira formal (com a presença do professor e/ou do treinador)?
 - a) Não, somente o basquetebol
 - b) Sim, também praticava outra modalidade coletiva
 - c) Sim, também praticava outra modalidade individual
 - d) Sim, também praticava outra modalidade de combate (lutas)
 - e) Sim, também praticava mais duas (ou mais) modalidades diversas
5. Onde você praticou esta(s) outra(s) modalidade(s)?
 - a) Praticava somente basquetebol
 - b) Escola - Educação Física Escolar
 - c) Escolinha de Esportes Particular
 - d) Clube Particular - era associado(a)
 - e) Clube Particular - "não" era associado(a), mas participava das escolinhas
 - f) Instituições Públicas (Prefeitura, Projetos Sociais, ONGs, SESI, etc)

6. Desde que idade você começou a competir no basquetebol?
_____ anos
7. Onde você começou a competir no basquetebol?
- a) Escola - Educação Física Escolar
 - b) Escolinha de Esporte Particular
 - c) Clube Particular - era associado(a)
 - d) Clube Particular - "não" era associado(a), mas integrava a equipe de competição
 - e) Instituições Públicas (Prefeituras, Projetos Sociais, ONGs, SESI, entre outros)
8. De qual Estado do país era a equipe de basquetebol que você começou a competir?

9. Os treinos ocorriam quantas vezes por semana?
- a) 1
 - b) 2
 - c) 3
 - d) 4
 - e) 5
10. Os treinos possuíam, aproximadamente, quanto tempo de duração?
- a) 45 minutos
 - b) 60 minutos (1 hora)
 - c) 90 minutos (1 hora e 30 minutos)
 - d) 120 minutos (2 horas)
 - e) 150 minutos (2 horas e 30 minutos)
11. Os treinos ocorriam, aproximadamente, durante quantos meses do ano?
- a) 8 meses
 - b) 9 meses
 - c) 10 meses
 - d) 11 meses
 - e) 12 meses
12. Sem considerar o basquetebol, você competiu em outra(s) modalidade(s)?
- a) Não, somente no basquetebol
 - b) Sim, também competi em outra modalidade coletiva
 - c) Sim, também competi em modalidade individual
 - d) Sim, também competi em modalidade de combate (lutas)
 - e) Sim, também competi em diversas modalidades (mais que 2)

13. Onde você competiu nesta(s) outra(s) modalidade(s)?

- a) Competia somente no basquetebol
- b) Escola – Educação Física Escolar
- c) Escolinha de Esporte Particular
- d) Clube Particular - era associado(a)
- e) Clube Particular - “não” era associado(a), mas integrava a equipe de competição
- f) Instituições Públicas (Prefeituras, Projetos Sociais, ONGs, SESI, entre outros)

14. Atualmente você é especialista em alguma posição no basquetebol?

- a) Sim, armador(a)
- b) Sim, lateral
- c) Sim, pivô
- d) Não, jogo em duas posições
- e) Não, jogo em três posições

15. Caso você seja especialista em uma posição específica, desde qual idade isso aconteceu? Caso não seja especialista, responda “não”.

16. Recorda-se de colegas de treino que abandonaram o basquetebol? Qual o principal motivo?

- a) Dedicção aos estudos
- b) Lesões repetitivas ou graves que impediram a continuidade
- c) Não acompanhou o desenvolvimento esportivo dos demais atletas da equipe
- d) Necessidade de trabalhar para ajudar financeiramente a família
- e) Outro. Qual? _____

17. Com qual idade os resultados abaixo ocorreram pela 1ª vez na sua trajetória de atleta? Caso não tenha acontecido, responda “não”.

Conquistar 1ª, 2ª ou 3ª colocação nas competições oficiais (não incluem escolares)

_____ anos

Receber remuneração (dinheiro) como atleta de basquetebol

_____ anos

Convocação para a Seleção Estadual de basquetebol

_____ anos

Convocação para Seleção Brasileira (base) de basquetebol

_____ anos

18. Você já foi convocada(o) para seleção brasileira de basquetebol na categoria principal (adulta)?

- a) Sim
- b) Não

19. Marque com um X no quadro o grau de escolaridade e de seus familiares (mãe e pai), considerando o ensino fundamental (1a a 8a série), médio (1o ao 3o colegial) e superior (faculdade)

	Fundamental Incompleto	Fundamental Completo	Médio Incompleto	Médio Completo	Superior Incompleto	Superior Completo
Você	()	()	()	()	()	()
Mãe	()	()	()	()	()	()
Pai	()	()	()	()	()	()

20. Você estudou em escola pública e/ou particular?

- a) Tudo em escola pública
- b) Tudo em escola particular com bolsa de estudos
- c) Tudo em escola particular sem bolsas de estudos
- d) Ensino Fundamental em escola pública e ensino médio em escola particular com bolsa de estudos
- e) Ensino Fundamental em escola pública e ensino médio em escola particular sem bolsa de estudos
- f) Outro. Qual? _____

21. No momento em que começou a competir no basquetebol, qual era sua percepção em relação à classe social da sua família (pessoas que moravam na sua casa)?

- a) Alta
- b) Média Alta
- c) Média
- d) Média Baixa
- e) Baixa

22. Você mudou da casa de seus pais (ou responsáveis) para treinar e competir no basquetebol em outra cidade antes dos 18 anos de idade?

- a) Não mudei de cidade para treinar e competir antes dos 18 anos
- b) Não mudei de cidade, mas viajava para treinar e competir em outra cidade antes dos 18 anos.
- c) Sim mudei de cidade uma única vez antes dos 18 anos
- d) Sim mudei de cidade mais de uma vez antes dos 18 anos

23. Você mudou de equipe antes dos 18 anos? Qual foi o principal motivo?

- a) Não mudei de equipe antes dos 18 anos
- b) Sim, mudei porque a equipe que participava não possuía mais minha categoria
- c) Sim, mudei para jogar em uma equipe que oferecia estrutura melhor
- d) Sim, mudei porque recebi remuneração (maior).
- e) Sim, outro. Qual? _____

24. Possui algum parente que participou do esporte profissionalmente (atleta, técnico, preparador físico, dirigente, entre outros). Se sim, qual o grau de parentesco?

- a) Não possuo parentes no esporte profissional
- b) Pai, mãe ou irmão(s)
- c) Avôs ou Avós
- d) Tio(a) ou primo(a) de primeiro grau
- e) Possuo mais de um parente no esporte profissional

25. Em relação a sua trajetória de atleta de basquetebol, responda as questões abaixo considerando os itens descritos e o grau de apoio de sua família.

	Nenhum Apoio	Pouco Apoio	Razoável Apoio	Muito Apoio	Total Apoio
Financeiro (transporte para treinos e jogos, e custos pessoais gerais)	()	()	()	()	()
Incentivo em continuar treinando	()	()	()	()	()
Situações difíceis durante a carreira (contusões, dispensas, etc)	()	()	()	()	()
Presença da família nos treinamentos e jogos	()	()	()	()	()

Obrigado por colaborar com a pesquisa!